

DISCURSO DO PARANINHO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1967 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

" O médico "

(Publicado na Revista Maternidade e Infância - vol. XXVI-out-dez/1967 - no4)

A despeito da longa experiência da minha vida de médico, tendo vivido já as mais diversas situações, difíceis, tristes e até, dramáticas umas, agradáveis, alegres e até, cômicas outras, não pretendo seja longa esta oração aos meus jovens amigos.

Alongar-me na dissertação de muitos momentos passados seria para mim bastante agradável e, ousado acreditar, seria visto como balanço de alentada vivência da prática médica e exemplo aos jovens doutorandos. Receio, contudo, ser enfadonho em tão aguardada e bela ocasião para vós e vossas famílias. Não posso, todavia, furtar-me, mesmo temendo servir-me de surrados chavões e revelar o encanto, o orgulho e a honra que me tornam hoje o mais feliz dos homens. Também não quero perder tão rara oportunidade de dirigir-vos algumas palavras, que julgo de interesse para vossa conduta como médicos.

Para que possais avaliar minha sinceridade e emoção, basta vos dizer que, escolhendo-me vosso paraninfo, possivelmente, jovens como sois, nem imaginais o quanto me comovestes. Sou eu o premiado maior neste momento. Humildemente recebo de vossos corações e vossa bondade a recompensa por sacrifícios tão rduos, tanta luta, tantos estudos e trabalho e tanta teimosia.

Mas vós, meus afilhados, vós hoje me estais dando a mais delicada lembrança, o mais grato prazer.

A homenagem dos jovens, a mais pura, pois que não se faz por injunções e interesses. Recebo-a com desvanecido reconhecimento e a mais profunda gratidão.

Não me estenderei em conselhos, sempre rebatidos, calcados muitas vezes em anseios utópicos. Não vos direi que sejais apenas desprendidos, sonhadores, idealistas apenas. Não é não! Sei muito bem que precisais viver a vossa vida, integrados no vosso mistério de médicos.

Se puderdes, ide para os laboratórios e gozai do inefável prazer que a ciência pura oferece aos eleitos da genialidade! Sereis construtores do saber, civilizadores, doutos resolutores de magnos problemas, deslumbradores do Universo, tutores da humanidade.

Ireis criar, ireis colher na seara infinda da Natureza. Vereis curvar-se diante de vós o homem, que agradecer - quem sabe? - a cura do câncer, o desaparecimento das cardiopatias, o fim da arteriosclerose...

Despreocupados do terra a terra, estareis nas alturas do Conhecimento, alargando os horizontes dos vossos colegas, removendo obstáculos, abrindo caminho.

Tereis pela frente uma estrada longa a percorrer. No anonimato dos vossos laboratórios, podereis sentir as palavras de Alexis Carrel "...a nossa ignorância, muito grande. A maior parte dos problemas que a si próprios propõem aqueles que estudam os seres humanos permanecem sem resposta. Imensas regiões do nosso mundo interior continuam desconhecidas. Somos um composto de tecidos, de

çrgÆos, de l;quidos e de consci^ncia. Mas as rela#æs da consci^ncia com as c,lulas cerebrais permanecem um mist,rio. At, que ponto pode a vontade modificar o organismo? De que maneira age sobre o esp;rito o estado dos çrgÆos? De que modo os caracteres orgfnicos e mentais, que cada indiv;duo recebe de seus pais, sÆo transformados pelo modo de vida, pelas substfncias qu;micas dos alimentos, pelo clima? Existem, sem d;vida, certos fatores fisiolçgicos e mentais que determinam a felicidade ou infelicidade de cada um. Mas desconhec^mo--los. Somos incapazes de produzir artificialmente a aptidÆo para a felicidade".

H na Medicina, ainda mais do que em qualquer outra ci^ncia, um mundo fascinante a desvendar.

Na experimenta#Æo paciente e perseverante, no desprendimento sereno, na curiosidade sadia, desvendareis pouco a pouco os mist,rios que ainda envolvem o m,dico e o doente e muitas vezes negam ao primeiro a vitçria do diagnçstico e do tratamento e, ao segundo, a felicidade da cura.

Vidas preciosas permitireis salvarem-se. Males e dores evitareis. Novas drogas e novas t,cnicas, novos aparelhos e novos m,todos da vossa pesquisa resultarÆo.

De vossos propçsitos alevantados, de vossos estudos dependerÆo o bem-estar da humanidade e o progresso da Medicina.

Se puderdes, fazei assim e vivereis a mais linda das vidas, engrandecendo a vossa P tria, amparando os vossos semelhantes e aproximando-vos de Deus.

Se, no entanto, contaís com o vosso diploma - e com ele sç - para conquistar o vosso lugar na sociedade, preparai--vos que a luta ser rdua e enormes as vossas obriga#æs.

Antes, atentai bem. Ao m,dico nÆo , dado ser um profissional qualquer. □ o nosso "nus severo e imperdo vel.

Digam o que disserem. Falem em injusti#as, nos absurdos de errada socializa#Æo da medicina, em desprest;gio da classe, seja o que for. Nada exime o m,dico de sua tremenda responsabilidade.

O trabalho do m,dico - e a; est a sua peculiaridade gritante - envolve a safde e a vida, os bens mais preciosos do homem.

Nada justifica, portanto, o descuido, a pressa, nem o desencanto, a m goa, a revolta do m,dico quando se defronta com o doente.

Nada , maior que a safde e a vida. Nada.

EntÆo, se vos parecer rude o que vou dizer, perdoai-me. Mas haveis de dar-me razÆo, agora ou mais tarde. Ao m,dico nÆo sÆo permitidos meios termos. A Medicina , para ser exercida ou abandonada.

□ o frio dilema. E pode ser uma bandeira de luta, Nunca, em qualquer hipçtese, uma acomodac#Æo.

Sç h duas atitudes compat;veis com a profissÆo m,dica frente aos percal#os, sacrif;cios e estafa: reunir for#as e continuar ou abaixar a cabeça e desistir.

A safde e a vida nÆo aceitam discussões, nem consentem querelas sociais, pol;ticas, econ"mico-financeiras... por mais justas e tentadoras que aparentem ser.

A saúde e a vida são mais sérias e mais graves.

Lutar por elas, dever inalienável do médico. Negligenciá-las, baixaza, desumanidade, ignomínia, crime.

Reuni, portanto, vossas forças e lutai sempre pela dignidade, pela nobreza, pela maravilhosa missão que hoje tendes o privilégio de receber.

Honrai-a exemplarmente. Do vosso prestígio individual depender o prestígio de vossa classe. Na firmeza do vosso caráter esbarrar todos os propósitos menos justos. Na intransigência de vossas atitudes firmar-se a vossa carreira brilhante. Todos têm de render-se diante de vosso trabalho sublime. Mais cedo ou mais tarde.

Somente o vosso exemplo florescer. Somente frutificar os bons resultados que vós mesmos conseguirdes.

Somente o médico pode se impor e valorizar-se.

Sem alienação dos problemas sociais e econômicos, podemos e devemos debater intensamente os aspectos atuais do exercício da profissão médica. Podemos analisar e ventilar os fatos sob as mais variadas facetas. Podemos divergir. Podemos protestar com energia. Podemos e devemos, a todo custo, encontrar soluções para as questões cruciantes, especialmente o delicado problema da remuneração do médico.

É lícito firmarmos nossa posição na sociedade. É lícito exigirmos condições de trabalho e de estudo. É lícito esperarmos respeito ... nossa autoridade quando estivermos em ação médica.

Mas, para merecermos o que almejamos, respeitaremos sempre - acima de tudo - o nosso doente. Nunca lhe negaremos os mais atenciosos cuidados. Nem nossos conhecimentos todos. Nem nossa total proteção. Nem nosso melhor carinho.

É o doente, sua cura, o alívio de suas dores, a solução de suas dificuldades, nosso primordial objetivo. É o doente a razão de ser de nossa profissão.

Haja o que houver, não podemos fugir a esse raciocínio simples. O menor desvio dele não nos levará a outra coisa senão a um empasse que, longe de resolver os problemas atuais da classe médica, mais os dificultar e os agravar.

Então, o médico tem que ser equilibrado e paciente, estudioso e perseverante, discreto e compreensivo.

Frente ao que afirmamos, a lição que podemos tirar, que nunca poder ser bom médico que não reunir pelo menos três qualidades principais: CARIDADE, COMPETÊNCIA e CAPACIDADE DE TRABALHO.

CARIDADE - Caridade que se traduz no amor ao próximo. No respeito a seus sofrimentos e dificuldades. No desejo de prestar-lhe socorro, diminuindo suas dores e apreensões, suavizando suas misérias físicas e morais.

Nos hospitais, nos ambulatórios, nos lares, os padecimentos afligem tanto aos pobres como aos ricos. E a morte, rondando todos, sem distinção, nivela, iguala os homens, inexoravelmente.

O médico deve sentir da mesma forma. Ele, que melhor entende o que todos vêem, ele, que participa dos acontecimentos e neles influi, ele, que centraliza as atenções gerais e de quem tanto todos esperam, ele deve

curvar-se diante de Deus e de sua Natureza e, humilde, tamb,m nivelar-se...
aceitar que ele poderia ser o doente ou poderia tamb,m estar morrendo...

A identificai#Eo do m,dico com a triste situa#Eo do seu paciente e as
ansiedades dos circunstantes o far desvelar--se e desdobrar-se em aten#aes e
carinhos, praticando, enfim, o seu dom mais sublime, a Caridade.

COMPET#NCIA - Ao profissional n#Eo lhe bastam as l ureas do diploma para
conferir inteira compet#ncia. Nem viver uma vida comum, rotineira e
estereotipada.

O m,dico precisa estudar praticamente todos os dias. E, diariamente,
praticar, pesquisando, vendo, ouvindo e, sobretudo, fazendo an lise cr;tica dos
acontecimentos que o cercam, nos livros e revistas, nas confer#ncias e reuni#es,
nas enfermarias, nos laborat#rios e nas salas de opera#Eo, na sua pr#pria
experi#ncia cotejada com a dos colegas.

A Medicina , dinfmica. Seu desenvolvimento, no mundo todo, , extremamente
r pido. Acompanh -lo ,, maus grado as grandes dificuldades, obrigat#rio e
indispens vel.

O m,dico deve tudo empenhar para manter-se bem informado e atuante. Seus conhecimentos cient;ficos e sua aprimorada pr tica lhe conferirÆo a compet^ncia de que nÆo pode prescindir em sua atividade.

CAPACIDADE DE TRABALHO - Poucas profissões sÆo tÆo trabalhosas e absorvoentes como a do M,dico. NÆo pode ser exercida em ritmo lento.

O m,dico necessita ser ativo e bem disposto para aproveitar ao m ximo seu tempo dispon;vel. Sua vida correr oc,lere do hospital para o consultório, desta para os estudos, dos livros para as reuniões, desta para a casa de um doente.

O interesse pela profissÆo ser o estimulo para manter tÆo intenso exerc;cio. Seu dia ser exaustivo, mas prof;cuo. Sç a capacidade de trabalho lhe permitir seguir sua rdua carreira, manter-se atualizado, ser ftil a s; mesmo, ... sua muitas vezes sacrificada fam;lia, ... sua ci^ncia e ... sociedade.

Ides iniciar vossa carreira com base na vossa formaÆo na Escola Paulista de Medicina. Tamb,m a; nÆo , pequena vossa responsabilidade.

Numa ,poca em que os alunos fazem exig^ncias de seus Mestres e governantes, nunca , demais lembrar que a Escola Paulista de Medicina , um exemplo edificante para ser meditado pelos jovens cr;ticos de hoje.

Nasceu a Escola Paulista de Medicina num pequenino pr,dio, j antigo na ,poca, com pouqu;ssimos recursos de aparelhamento e at, de espaço.

Foi o ideal e a boa vontade de alguns, mas foi tamb,m o desejo de aprender e a atividade disciplinada de muitos que fizeram a Escola vencer. E, crescendo, projetar-se ao n;vel e padrÆo hoje alcançados.

J sua primeira turma de m,dicos se constituiu de excelentes profissionais, hoje grandes nomes no cen rio cient;fico brasileiro.

Em turmas subsequentes a Escola Paulista de Medicina firmou-se cada vez mais na concepÆo de seu principal escopo: formar m,dicos competentes e ilustres que sç vieram honrar sua origem, dignificar sua carreira. enaltecer sua P tria.

Quando para esta Escola vim, formado havia pouco tempo, quase nada existia da sua grandiosidade de hoje. Mas o esp;rito e o idealismo que aqui encontrei contagiaram-me desde o in;cio. A honestidade cient;fica, o campo de trabalho e estudos, que dia a dia se alargava, foram me prendendo. E eu aqui permaneci, nestes quase 30 anos, entusiasmado e feliz.

Aqu; v; praticarem e eu tamb,m pratiquei aquilo que tem constituido a meta das grandes instituições cient;ficas: ENSINO, ASSISTÒNCIA e PESQUISA.

Mas, para prosseguir nesse caminho, para que nÆo se interrompa esse trabalho, para que se amplie e renove esse nobre programa, , preciso que contemos com a vossa colaboraÆo.

Alunos de ontem, m,dicos de hoje, nÆo deveis vos afastar de vossa Escola.

Deveis a ela retornar, de quando em quando, ou mesmo aqui permanecer o mais poss;vel.

Na vossa Escola deveis vir buscar, sempre e cada vez mais, o aperfeiçoamento de que por certo ireis necessitar, a cada instante, ao longo de vossa vida.

O ENSINO, a ASSISTÊNCIA, a PESQUISA, são o vosso meio de atualização e de prática.

E o complemento indispensável de vossa atividade profissional.

Continuareis, assim, estudando, atentos a cada novidade que for surgindo, mantendo viva vossa curiosidade científica e, finalmente, exercendo, no hospital-escola utilíssima e nobilitante assistência.

Além disso, em contato com vossa Escola, podereis realizar vossos próprios trabalhos.

Com a ajuda de vossos mestres, que aqui ficarão, com certeza sempre prontos a colaborar no vosso progresso, e com o auxílio de vossos colegas especialistas, que aqui se fizeram, podeis encetar vossas observações, reunir vossos dados e escrever vossas monografias.

Ser uma glória para vós e um orgulho para vossa Escola se puderdes aqui produzir vossos trabalhos científicos.

E publicá-los, para enriquecimento de nossa literatura médica e de vosso currículo, numa demonstração inequívoca de vosso esforço em valorizar o diploma que estais recebendo.

Vossa Escola, que procurou vos dar a melhor formação médica, espera, pois, que a ela volteis, que nós todos vos receberemos de braços abertos.

Finalizando, permiti-me apenas lembrar-vos que sois médicos brasileiros. E o Brasil, vasto e extremamente necessitado de vossa ajuda.

País em via de desenvolvimento, é óbvio que nele há muito o que fazer no precioso campo de vossa atividade: a saúde.

Estejais onde estiverdes, fazei ouvir vossa palavra, dai vossos ensinamentos, oferecei vosso exemplo! Fazei valer vossa autoridade de membro de uma elite cultural, em benefício dos desprotegidos!

Contribuir - , acima de tudo vossa obrigação - na medida de vossas forças, para a solução dos gravíssimos problemas sanitários e, mesmo, educacionais de nosso povo.

Tendes magníficos exemplos a vos inspirar. Lembrai-vos de Oswaldo Cruz, de Miguel Couto, de Emílio Ribas, de Carlos Chagas, de Vital Brasil e de tantos outros que muito fizeram em ,pocas ainda mais difíceis.

O Brasil, que tanto deve a tão ilustres vultos do passado, só alcançar um futuro grandioso se puder contar com os jovens de hoje e, em especial, os jovens médicos.

Vossos mestres, vossa Escola, vossa família, vossa Pátria muito confiam na vossa gratidão, na vossa dedicação, no vosso patriotismo e no vosso trabalho.

Honrai vosso diploma! Enriquecei vosso espírito com a mais formosa cultura e sentimentos! Enobrecei vossa alma com os dotes mais sublimes! Dignificai vossa carreira magnífica!

Ide! Sêde felizes!
Deus vos abençoe!

DISCURSO DO PARANINHO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1968 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

" OS MAIS VELHOS E OS MAIS MOÇOS "

(Publicado na Revista Maternidade e Infância - vol. XXVII - out-dez 1968)

Com alegria incontida, indistinta, gratidão imensa, responsabilidade redobrada, volto, como no ano passado, a parabenizar a turma de novos médicos da Escola Paulista de Medicina, a vossa turma.

Não posso esconder a emoção com que recebi a honra de vossa bondosa escolha.

Realizei já muitos sonhos, como tive, também, amargas decepções. Estas, esqueço-as no trabalho incansável de minha carreira. Os sonhos, acalento-os na felicidade inefável de sua realização. Nunca, porém, sonhei tanto e tão alto. Nunca esperei momentos de tamanha euforia como os que me deram e me dão os meus jovens alunos.

Realmente emocionado, realmente feliz, realmente agradecido, esse segundo convite, consecutivo, recebo-o com humildade, mas vou dizer-vos - se por palavras o conseguir - o profundo significado que ele encerra.

· turma anterior a esta, falei sobre os graves deveres do médico.

Disse-lhe das agruras da profissão escolhida e alertei-a quanto às dificuldades a enfrentar.

Não lhe escondi nada e fui rude até, falando-lhe que, na medicina, não se permitem meios termos, desistir ou continuar. E, continuando, lidar o médico sempre com a saúde e a vida, bens preciosos demais para serem arriscados em desenganos, frustrações ou querelas econômico-financeiras...

Haja o que houver, tudo, superado pela suprema importância do doente, cuja saúde e cuja vida valem muito mais que qualquer problema pessoal do médico.

Falei-lhe da necessidade indiscutível de praticar a medicina com dedicação, amor, competência, tenacidade, entusiasmo, sacrifício.

Não há como, seja em que circunstância for, negligenciar numa profissão exercida sobre a vida humana.

□ a peculiaridade irremovível de nossa carreira. Gravíssima tarefa. Pesado "nus.

Nossas metas, nossos problemas têm que ser esquecidos frente ao ser humano que precisa de nós e em nós confia.

E se essas metas e esses problemas forem maiores, a ponto de pôrem em risco o nosso mister, não teremos escolha, então...

Ao debruçarmos sobre o doente, este deve ser, portanto, nossa única preocupação, nosso único interesse.

E, a j, valemo-nos do nosso estudo constante, da nossa prática exaustiva, da nossa pesquisa austera, da nossa assistência devotada. Para curar. Para salvar a vida.

Assim, o médico. Assim o descrevi para a turma anterior ... vossa.

Hoje, por, m, nesta hora em que acabais de sair da Escola, nada me parece mais adequado, nem mais atual, do que, juntos, meditarmos, nós todos, estudantes, professores, pais, moços que ides amadurecendo, alunos que passais a médicos, médicos que sereis professores, filhos que sereis pais. E velhos que já fomos moços, professores que já fomos alunos, pais que já fomos filhos.

Meditemos, de início, sobre o papel do médico no mundo conturbado de hoje. Sua contribuição indispensável, extraordinariamente oportuna e adequada, ao estudo da ansiedade do homem moderno, suas reações aos novos estímulos, suas perturbações somatopsíquicas.

O médico pode, com segurança, conhecer, tratar, atenuar, nos homens, os efeitos patológicos dos males sociais ou, ao contrário, surpreender as enfermidades humanas que acarretam esses mesmos males sociais.

Pode o médico - ... luz de seus conhecimentos - apontar as neuroses e psicoses, as úlceras neurogênicas, as hipertensões emotivas, os desequilíbrios vago-simpáticos, os enfartes, esse cortejo, enfim, de enfermidades que acompanham o progresso.

Est o médico - melhor que ninguém - no contato com a dor, com o sofrimento, mais apto a sentir os problemas sociais.

A intranquilidade, a insegurança, os impactos emocionais de uma sociedade em ebulição, afetam terrivelmente o homem atual.

E, com a emergência de uma catástrofe, o médico que caminha entre os feridos, animando-os, socorrendo-os.

Assim, se estamos diante de uma grande mutação social, as implicações desta sobre o ser humano, suas causas e seus efeitos, devem ser preocupação do médico.

Dramáticos instantes - como os de agora - várias vezes têm abalado os povos.

Idias têm surgido. Idias têm desaparecido. Uma fincam raízes. Outras são superadas.

Mas o homem, por fim, adapta-se.

Porque o homem - o ser humano - morfológica e fisiologicamente, sempre o mesmo.

E, sobretudo, a natureza - a sã, a misteriosa, a soberana, a irreduzível, a insuperável natureza - , sempre a mesma.

Não nos percamos em confusões e histerismos. Não nos deixemos enganar por exageros descabidos. Ou temores infundados. Ou conclusões alarmantes.

O homem ainda, o mesmo. A natureza ainda, a mesma.

O que vai mudando - desta vez em ritmo acelerado - são as relações sociais, as estruturas sociais, com suas novas necessidades, seus novos costumes, seus novos conceitos, provocando, em cada fase de adaptação, divergências, relutâncias, em última análise: choque de interesses.

No entanto, nesse choque de interesses sociais legítimos, intrometem-se os interesses ilegítimos de pessoas ou de grupos.

Nisso temos nós - alunos e professores, moços e velhos - nossa parcela de responsabilidade em separar o joio do trigo, pelo menos na esfera de nossa colaboração e de nosso exemplo.

Moços e velhos, no momento atual, em verdade devemos compreender-nos, unir-nos no mesmo propósito elevado de atenuar as consequências de mudanças sociais tão rápidas e tão profundas.

Se menos afoitos uns e menos conservadores outros, não vemos em que a diferença de idade possa ser um mal e gerar antagonismos, quando deveríamos todos - moços e velhos - contribuir com as qualidades e vantagens que nos são inerentes.

Por que negar os problemas da juventude de hoje? Mas, também, por que combater sistematicamente os mais velhos? E esquecer que, também eles, têm enormes problemas?

A tolerância deve ser recíproca. O entendimento, mútuo.

Juntos - moços e velhos, alunos e professores - devemos buscar as soluções para nossos problemas.

Com sinceridade e boa vontade. Com sadios propósitos. Com vistas ao bem comum. Com estudo. Com trabalho. Com respeito ... contribuímos dos mais velhos. Com respeito ... aspirações legítimas dos mais moços.

Foi muito grande, em pouco tempo, o avanço da tecnologia. Rápido demais o progresso em todos os campos da ciência.

Aperfeiçoaram-se muito os meios de comunicação. Obtemos, hoje, informações quase imediatas de qualquer parte do mundo. Locomovemo-nos com enorme velocidade.

Os homens dispõem, atualmente, de aparelhos e técnicas que, por certo, criam necessidades e perspectivas novas.

Alguns conceitos são fatalmente alterados, por força mesmo das novas circunstâncias. Teorias aceitas há poucos anos atrás, não resistem, hoje, ...s menor análise.

Abalam-se os fundamentos de uma sociedade que, na sua evolução natural, vai dando lugar a outra.

Por isso os jovens - os alunos - no seu mundo cheio de ansiosa pressa, buscam, impacientes, toda a eficiência do progresso científico - não podem deixar de transmiti-lo, eficientemente, a seus alunos.

A Medicina vai progredindo, em cada geração, pelo acúmulo de exaustivas pesquisas, de estudos acurados, de trabalho perseverante, enfim de experiência.

Essa experiência, os mais velhos precisam saber dar e os mais moços precisam saber receber.

A Escola não tem outro sentido, nem outro objetivo que a transmissão honesta e a recepção, também honesta, de experiência.

Os alunos precisam aprender bem depressa, com todos os meios e facilidades do mundo moderno.

Os professores tem que ser atualizados, dinâmicos, integrados na sua delicada tarefa, trabalhadores, entusiasmados.

Devem aperfeiçoar-se dia a dia. Estudar mais e mais. Praticar incansavelmente.

O ideal universitário - ENSINO, ASSISTÊNCIA e PESQUISA - deve ser vivido pelos professores e pelos alunos, numa superior comunhão de inteligência.

Os professores devem despir-se de qualquer vaidade descabida. Viver no mesmo mundo de seus alunos, sentindo-lhes as dificuldades e anseios, participando com eles das mesmas alegrias que o estudo a todos proporciona.

Não há nada mais belo que perscrutar os mistérios da ciência médica. Alunos e professores devem sentir, juntos, toda essa imensa beleza.

Não há nada mais nobre que alargar os horizontes e conseguir a maravilha da cura, livrando o homem de um mal que tanto o afligia.

Não há nada mais hercúlico que aceitar o desafio que existe em cada sala operatória, em cada enfermaria, em cada laboratório.

E exercitar a inteligência. Aguardar o espírito. Exaltar a alma. Fortalecer o caráter. Praticar o bem.

Alunos e professores devem caminhar lado a lado em tão esplêndidos caminhos. Com eles devem estar a experiência e a curiosidade, num mesmo propósito de renovação e de progresso.

Aceitem os jovens que os mais velhos não são apenas responsáveis pelas guerras, pelos erros sociais que tanto nos martirizam e desencantam hoje. Aos mais velhos devemos, também, inegavelmente, os grandes impulsos técnico-científicos que hoje tanto nos beneficiam e extasiam.

As gerações passadas devemos as grandes descobertas e os enormes aperfeiçoamentos que dão aos jovens de agora tanta força e tanto orgulho.

Aceitem os mais velhos que nos jovens está o futuro da humanidade.

Praza aos céus que esses jovens terminem com as guerras e com os erros políticos. E realizem, também eles, novas descobertas e aperfeiçoamentos.

E vós, novos médicos, tereis relevante papel e largas possibilidades no mundo atual. No exercício de vossa nobre profissão, podereis, a cada instante, oferecer o vosso trabalho e o vosso exemplo.

Trabalho e exemplo que servirão ao Brasil.

Trabalho e exemplo que servirão a Deus.

Ide, pois !

Levai convosco a nossa admiração e as nossas bênçãos.

DISCURSO DO PARANINHO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1969 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

" A OBSTETRÓCIA "

Fato talvez indito na história universitária, meus alunos elegem-me paraninfo pela terceira vez consecutiva.

Três anos professor da Escola Paulista de Medicina, três anos paraninfo !

Dir-se-ia que esses moços, conhecendo meu passado de lutas e de anseios, de trabalho incessante e persistente, quiseram, de maneira insofismável, dar seu testemunho eloquente da sinceridade de meus propósitos e dos resultados desvanecedores dos meus métodos de ensino.

Para quem sonhou ser professor - e para conseguí-lo venceu os maiores obstáculos - nada mais valioso que o reconhecimento de seus alunos, cuja esclarecida vivência, o juiz mais abalizado.

Ainda mais se levarmos em conta a inegável franqueza da mocidade de hoje.

Meus alunos parecem querer provar que eu não queria a ctedra pela volúpia do título ou coroamento estéril da carreira médica ou vaidosa satisfação pessoal ou prerrogativa egoísta e improdutiva.

Meus alunos parecem querer provar que eu almejava ser professor pela única razão válida: ensinar.

Ensinar sem medir sacrifício. Ensinar para cumprir um dever. Ensinar com vontade. Ensinar com desprendimento. Ensinar com prazer.

Transmitir sempre o que aprendi e o que vou aprendendo ... custa de estudo constante e prática ininterrupta.

Estabelecer maior comunicação, tanto na Escola como fora dela, todo o dia, a qualquer hora, na função de passar adiante, clara e objetivamente, toda a minha diuturno experiência.

Por isso quero aprender sempre para sempre ensinar.

Por isso quero sempre ter ... minha volta o maior número possível de alunos e de colegas, estudando comigo, trabalhando comigo.

Esse, um estilo de vida, que só me causa alegria.

□, por, apenas o cumprimento rigoroso de uma obrigação. Nada mais.

Não esperava, portanto, receber tão bela homenagem de meus alunos.

Nunca sonhei subir tanto, nos braços dos jovens que me são tão caros!

Maravilhosa distinção, que me comove, mas que tão somente atribuo ... bondade pura dos moços.

Agradeço, do fundo do coração. Humildemente, por, m.

Agradeço, entendendo que nunca, como nos dias que correm, houve tanta necessidade de compreensão entre professores e alunos.

Nunca foi tão imprescindível haver, dentro da Escola, a mais estreita comunicabilidade, o mais forte calor humano.

A velocidade do progresso científico, a renovao tremenda dos métodos, a evoluo incoercível dos conceitos, tudo está a exigir trabalho incansável, estudo constante, amudadas revisões, dinamismo.

E alunos e professores precisam andar juntos, unidos nas mesmas tarefas e preocupaes.

Os problemas de atualizao e adaptao, indiscutivelmente, são de ambos - professor e aluno - que todos buscam os mesmos ideais de progresso.

No entanto, não basta aprender e ensinar.

O professor deve saber cultivar seus seguidores. O aluno deve saber preparar-se para continuar, manter e, mais tarde, também transmitir a mesma obra e o mesmo ideal: ENSINO, ASSISTNCIA e PESQUISA.

De nada adianta o saber egoísta, que morre com o homem.

O professor, para realizar-se e cumprir fielmente sua tarefa, deve fazer Escola.

Sobre seus ombros pesa a responsabilidade de, com desprendimento e coragem, formar equipes de colaboradores que garantam a continuidade de seu trabalho.

O professor deve ser, na equipe, o exemplo, a coordenao, o incentivo, a paciência, o entusiasmo, a luta.

 aquele que deve estudar mais.  o que deve mais trabalhar.  o que deve refletir a melhor imagem de conduta universitária, de tática profissional.

Tem o professor a maior responsabilidade social e até política, pois suas idéias influirão na formao dos profissionais que irão representar importante papel no serviço que prestarão ... pátria e até, mesmo ... humanidade.

· primeira turma de paraninfados, procurei dizer dos inalienáveis deveres do médico. Falei-lhes do pesado "nus da nossa carreira, que , única no sacrifício de seus rigores tticos, porque envolve a saúde e a vida do nosso semelhante e não pode, sem crime e sem pecado, permitir incapacidade ou desleixo.

Para a segunda turma, tentei analisar o relevante e atual problema das relaes entre mais moços e mais velhos, entre alunos e professores.

Foi minha inteno, a ambas, encarecer a enorme responsabilidade do médico na sociedade conturbada de hoje.

Agora, para a terceira turma de paraninfados, seja-me permitido dizer alguma coisa da esplêndida beleza e do extraordinário valor da obstetrcia, esse ramo da medicina to cheio de encantos e de mistérios.

Precisamos motivar muitos alunos a prosseguir na especialidade. Venho, ali s, através dos anos, procurando aumentar quanto possível o número de obstetras.

Precisamos todos empenhar-nos na radical mudança dos métodos de tratar os gravíssimos problemas da gestao e do parto.

Não há, talvez, dentro da medicina, especialidade que, como a obstetria, tenha raízes tão tristemente aprofundadas no terreno escuro e lamacento das superstições e crendices, com tão malfadadas intromissões charlatanescas.

Na história dos povos, de seus usos e costumes, o parto aparece como o maior repositório das práticas mais tóxicas e alucinantes.

Mundo de misticismos, efusão de feitiçarias, extravasamento de barbaridades - o parto, sublime início da vida do homem na terra - veio sendo vilipendiado através dos séculos.

E, nesse vilipêndio, o cortejo macabro das bruxas e feiticeiras, a ronda sinistra das curiosas...

Tão longa e tão vasta foi a história da ignorância que até hoje - em plena era espacial - temos muito o que fazer para, durante a gravidez, o parto e o puerpério - arrancar grande número de mulheres e seus filhinhos da nefasta influência de danosas crenças.

Temos muito o que fazer para ampliar a distribuição dos benefícios da ciência médica e oferecer, em todos os cantos de nosso país, a orientação dos exames pré-natais e a assistência ao parto e ao puerpério.

A mortalidade infantil e materna, as toxicoses, as infecções, as sequelas do parto, as marcas de anoxia e dos traumatismos, tudo isso já está para alertar-nos em nossa luta.

Poucas especialidades são tão complexas e exigem tanto de quem a pratica.

O obstetra precisa ser excelente clínico, habilíssimo cirurgião e bom psicólogo.

Precisa munir-se de infinita paciência e deve ser dotado de inquebrantável capacidade de trabalho.

Deve ser firme em suas decisões.

Deve ser forte, física e mentalmente. Deve ser seguro e equilibrado.

Mas, sobretudo, deve considerar sempre que seu trabalho tem dupla responsabilidade, pois são duas as vidas sob seus cuidados!

E duas vidas - permitam-me a divagação - em condições e momentos especiaisíssimos.

Uma, a mulher que vai receber a mais grata, a mais nobre, a mais sublime de todas as missões: ser mãe!

Outra, a criança que, um novo ser humano, o novo corpinho, a alminha nova a povoar a terra e que deve se tornar um homem sadio, forte e inteligente ou uma bela, encantadora e lúcida mulher.

Dois vidas preciosas, num momento sagrado, tem-nas em suas mãos o obstetra.

Das decisões deste e de seus cuidados dependem a vida e o futuro de dois seres, o encanto sublime do nascimento e a glória imensa da maternidade.

Assim , a obstetrícia - especialidade médica de rara beleza e extrema responsabilidade - que abarca amplo período da vida e ampara a evolução de seu conceito.

Cuida da gestante e do feto, prevê, precata e desincumbe-se do parto, socorre o recém-nascido e resguarda a puérpera.

Na prática e na perinatalidade , dos mais importantes o papel do obstetra.

Os exames periódicos, a orientação higiênico-dietética, a profilaxia de um grande número de enfermidades das gestantes, algumas com sérias repercussões sobre o feto, tudo isso reveste a obstetrícia de um valor incalculável no âmbito médico e social.

Daí a necessidade de formarmos cada vez mais especialistas, na esperança de que eles melhorem as condições do maior número de gestantes e parturientes.

Em sua vida intra-uterina, o feto requer certos cuidados sem os quais seu desenvolvimento normal pode ser ameaçado.

No parto e em seguida a ele, o recém-nascido deve ser corretamente protegido contra inúmeras situações perigosas.

Da maior quantidade de especialistas devemos esperar a diminuição do aborto, da natimortalidade e das lesões do nascituro.

Não , menos delicado o puerpério, também a exigir mais especialistas que lhe dispensem o tratamento adequado.

A obstetrícia tem, portanto, vasto campo de atividade variada e complexa, de largas implicações na defesa das mães e de sua prole.

Na prática da obstetrícia, o médico tem enormes possibilidades de prestar relevantes serviços ... prática, educando, protegendo e melhorando a saúde de significativa parcela da população, oferecendo decidida contribuição ... engenharia da raça.

A cadeira de Obstetrícia da Escola Paulista de Medicina tem procurado dinamizar o estudo da especialidade e integrar nela grande número de jovens, dando-lhes sólida base científica para a execução competente e séria de um trabalho nobre, inteligente e patriótico.

Com isso também se procura contribuir na formação dos novos médicos, dos profissionais que, em todos os ramos da medicina, irão honrar a sua Escola, honrar o seu diploma.

Meus afilhados !

Deixem-me dizer novamente - que nunca , demais - da nossa enorme alegria em vê-los vitoriosos e felizes em sua esplêndida carreira. Do ardente pedido que a Escola lhes faz de que não se afastem dela e de seus mestres, que sempre aqui estarão para os receber e aconselhar carinhosamente.

Da certeza que temos de que exerçamos a medicina com o maior desvelo, com a maior dignidade, com o maior respeito, com o propósito mais alevantado, com a mais apurada competência, com entusiasmo, com amor.

Da esperança que alimentamos de que continuem estudando sempre, atualizando-se, frequentando os meios médico-científicos. Dos votos que formulamos de que mantenham o mais estreito intercâmbio com seus colegas, e, aperfeiçoando-se nas salas de operações, nas enfermarias, nos ambulatórios, na clínica diária, nunca se esqueçam de transmitir o resultado de sua experiência, através de comunicações e trabalhos. E de que não se abatem nunca ante as injustiças, os obstáculos de qualquer ordem, porque acima de tudo está a cura do enfermo, a vida do semelhante, a grandeza da Medicina.

Deixem-me dizer novamente - que nunca, demais - da minha profunda gratidão a todos.

Que Deus os ilumine e abençoe.

DISCURSO DO PARANINHO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1970 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

" A MULHER "

Os que conhecem sabem da minha vida exclusivamente dedicada ... Medicina. Sabem que todos os dias, de manhã ... noite, minha única preocupação , a clínica, o estudo e o ensino. A qualquer hora, meus alunos e meus colegas podem contar comigo para o debate dos problemas comuns de nossa profissão. Meus livros, meus trabalhos, minha experiência estão sempre ao alcance irrestrito de meus companheiros.

Transmito a todos tudo que sei ou que vou aprendendo. Esforço-me ao máximo para motivar os que me cercam e conduzi-los no mesmo caminho meu.

Mas, isso , minha vida, minha alegria, minha felicidade!

O amor imenso ... Medicina, particularmente ... minha especialidade - a Obstetrícia - , característica de meu estilo, de meu temperamento. Apenas isso. Entusiamos enorme pela profissão e rigoroso cumprimento de meus deveres. Apenas isso.

Nunca imaginei, portanto, que meu modo de ser fosse tão apreciado por meus alunos, a ponto de - com extrema surpresa para mim - elegerem-me paraninfo pela quarta vez consecutiva!

Confesso-me, por isso, at, mesmo acanhado de receber tão grande homenagem, que não procurei deliberadamente, nem entendo merecedor.

Recebo-a, por, m, humildemente agradecido, rendendo-me ... vontade dos moços que gostam de estudar e são reconhecidos a quem os ajuda nesse mister.

E sinto-me fartamente recompensado por esses jovens exuberantes e promissores que, por certo, farão frutificar a semente plantada de ENSINO, ASSISTÊNCIA e PESQUISA, honrando seu diploma e sua Escola.

Disse ... primeira turma de meus paraninfados, das gravíssimas obrigações do médico. Da peculiaridade de sua profissão, que, respondendo pela saúde e pela vida de seu semelhante, tem a maior de todas as responsabilidades e não permite, em nenhuma hipótese, incompetência ou descaso. Haja o que houver, seja qual for a situação, o médico se obriga a colocar acima de tudo a vida preciosa que lhe é confiada.

· segunda turma falei da necessidade de entendimento entre professores e alunos, entre mais velhos e mais moços, que precisam, nos dias atuais, unir-se e compreender-se para, juntos, procurar a solução de seus múltiplos problemas.

Para a terceira turma tentei encarecer o valor e a importância da Obstetrícia, especialmente em nosso país.

Que dizer, agora, nesta quarta e despreziosa ocasião?

J vos disse que estrenei tereis-me escolhido, pois nada fiz, além de meus hábitos, para merecer tanto. J vos disse - e repito com prazer - da minha imensa gratidão a todos e da certeza que tenho de que nosso trabalho não tem sido em vão.

Mas, permiti-me que eu me abalance a vos pedir toda atenção para um relevante problema de nossa época.

Vós sois, agora, médicos. Sobre vossos ombros recaem responsabilidades enormes.

Ao mesmo tempo em que ireis curar e prevenir moléstias, ireis amparar e aconselhar doentes.

Inevitavelmente, ireis participar do sofrimento de vossos semelhantes e, pela vossa formação superior e conhecimentos especiais, sereis convocados para importantes setores de nossa sociedade.

Estareis, assim, numa camada de influência da qual muito se espera.

Então, vós, que sois moços - mais sois, sobretudo, médicos - ireis sentir fatalmente as mudanças sociais modernas. E tereis que as analisar, adotando-as ou combatendo-as.

A juventude, que muitas vezes aceita tudo que é novo sem discutir, no vosso caso não pode agir assim, tão simplesmente.

Sabemos muito bem que a evolu#o , inevit vel. Conceitos antigos, por for# do progresso tecnol#gico, v#o sendo superados. # imperiosa a adapta#o, a atualiza#o em todos os setores.

Sente-se em tudo a a#o renovadora, a busca de posi#es mais condizentes com o mundo atual.

Mudam as id,ias. S#o outros os ideais. # diferente o comportamento social do homem. Transformam-se os costumes. Reformulam-se os m,todos. A moda se atualiza.

Tudo est passando a girar em torno da velocidade, da t,cnica, da enorme efici#ncia dos meios de comunica#o, da concorr#ncia desenfreada, do choque de interesses pol;ticos, do fantasma da super-popula#o e da fome, do progresso vetiginoso da ci#ncia e da ind#stria.

Surgem, por isso, mudan#as radicais na sociedade. Muitas s#o necess rias ou at, inevit veis; outras, profundamente danosas e de consequ#ncias imprevis;veis.

Para estas #ltimas , que pe#o a vossa aten#o preciosa, no momento em que ides iniciar vossa importante carreira.

Vejamos, por exemplo, o papel da mulher no mundo de hoje.

N#o vos falo por ser obstetra e ginecologista. N#o. Falo-vos como homem, imensamente preocupado.

Disse, numa das ora#es anteriores a esta: "Id,ias t#m surgido. Id,ias t#m desaparecido. Umam fincam ra;zes. Outras s#o superadas.

Mas o homem, por fim, adapta-se.

Porque o homem - o ser humano - morfol#gica e fisiologicamente, , sempre o mesmo.

E, sobretudo, a natureza - a s bia, a soberana, a irredut;vel, a insuper vel natureza - , sempre a mesma".

N#o , poss;vel se fugir - e n#o o conseguiremos nunca - aos imperativos da natureza. N#o , poss;vel se destruir - e n#o o faremos nunca - o amor e a beleza.

Pois a mulher , beleza e , amor. # meiguice. # suavidade. # encanto.

Embevece nossos sonhos de adolescente. D um toque de ternura ... nossa mocidade. Agasalha a nossa velhice.

Sua delicadeza nos domina. Seu carinho nos incentiva. Sua presen#a nos inspira.

a mulher, indiscutivelmente, figura indispens vel dentro do lar, garantindo a organiza#o da fam;lia.

E ningu,m pode negar, mesmo os mais ardorosos adeptos do modernismo, que sem fam;lia bem constitu;da n#o h sociedade bem estruturada.

A natureza confiou ... mulher a tarefa indescritivelmente gloriosa de ser m#e. Dotou-a f;sica e mentalmente para essa finalidade excelsa.

Sua constitui#o anat#mica, sua fisiologia, seu psiquismo, todo o seu ser, enfim, est condicionado ... maternidade, ... procria#o, em #ltima an lise, ... perpetua#o da esp,cie.

E, ap#s o bel;ssimo instante do parto, quando uma nova criatura, surgindo para o mundo, recebe o primeiro hausto de vida, continua o organismo feminino a preparar-se especialmente para garantir a continuidade dessa exist^ncia insipiente.

□ a maravilha do aleitamento! S#o os cuidados, a vigilfncia, o carinho que s# a mulher - a mulher-m#e - pode dar.

Da; por diante, igualmente, s# a m#e, com sua infinita paci^ncia e constante prote#o, pode encaminhar o filho por entre as dificuldades do mundo.

Mantendo tal prote#o, empenhando-se na organiza#o do lar, atenta sempre ... uni#o da fam;lia, desempenha a mulher papel relevante na sociedade, papel que o modernismo n#o

pode negar, a menos que esse modernismo queira destruir a natureza, destruir a beleza, destruir o amor, destruir a mulher.

Sabemos muito bem que, muitas vezes, nos dias que correm, t#e#o dif#iceis, a mulher tem necessidade imperiosa de trabalhar fora de seu lar. Sabemos, curvamos ... realidade, mas lamentamos profundamente tal fato. A sobreviv#ncia material de uma fam#lia se faz, a#; ... custa de melanc#lica mutila#o dessa mesma fam#lia.

Mas tamb,m sabemos - e vemos isso com enorme desgosto - que o modernismo quer roubar ... mulher seu dom mais precioso: a feminilidade.

A natureza vai sendo, cada vez mais, perigosamente contrariada pela mulher moderna.

Seus novos h#bitos, suas novas roupas, suas novas atividades, a maioria nitidamente masculina, conduzem a mulher a uma descabida equipara#o com o homem, equipara#o absolutamente exdr#xula, imposs#vel, antinatural.

Nessa desnecess#ria e absurda concorr#ncia da mulher em rela#o ao homem, o que sobre , o abandono do lar, a desuni#o da fam#lia, o desamparo dos filhos, o vazio no cora#o dos homens, a frieza brutal dos casamentos sem o suave, o terno, o doce toque feminino.

Assistimos hoje ao triste espet#culo que apresenta a mulher vestida como homem, com h#bitos masculinos, com atividades masculinas, embrutecendo-se, afrontando sua natureza, negando-se a s#; pr#pria. E fugindo do lar, esquecendo os filhos.

O assustador aumento da criminalidade infantil e juvenil, a onda de v#cios, o cortejo infund#vel de desgra#as e mis#rias sociais em muito se deve ... deser#o, ... irresponsabilidade desse n#mero crescente de mulheres masculinizadas que n#o querem mais amamentar, nem embalar seus filhinhos, nem cuidar de sua fam#lia.

V#s, que sois mo#os - mais sois, sobretudo m#dicos - n#o podeis estar de acordo com tal aberrac#o!

E deveis combat#-la na medida de vossas for#as e sob a autoridade de vossos conhecimentos m#dicos.

H# que mostrar ... mulher de hoje que para ser moderna ela n#o precisa abdicar de suas magn#ficas prerrogativas, nem sufocar seus maravilhosos dotes, nem contrariar sua natureza, nem mutilar-se t#e#o criminosamente, nem fugir ...s suas responsabilidades.

Não existe superioridade do homem sobre a mulher. Tampouco eles podem se comparar. São muito diferentes e cada um tem suas próprias funções. Assim, se porventura estivesse em jogo qualquer concorrência entre ambos só venceria a mulher que fosse mais mulher, ou o homem que fosse mais homem. Nunca o inverso absurdo: a mulher querendo ser homem, ou o homem querendo ser mulher, na fúria estúpida de um tentar sobrepujar o outro.

Fique cada um com sua natureza. Fique cada um com seu corpo e sua alma. Cumpra cada um sua finalidade humana e social.

Isso não nega o modernismo, mas o modernismo coerente e sadio.

Creemos at., pelo contrário, que a sociedade, mais técnica, de maior velocidade e comunicação, de maior materialismo, está a exigir muito da mulher em suas reais atribuições humanas.

Deve ela, mais do que nunca, lutar pela união da família, pela boa formação dos filhos, pelo fortalecimento da sociedade.

O homem precisa de sua ajuda, de sua compreensão, de seu carinho, de seus conselhos. Os filhos precisam de seus cuidados, de sua orientação.

E ela - a mulher - deve aprimorar-se, engrandecer-se ... custa de suas esplêndidas qualidades. Orgulhar-se de seu magnífico psiquismo. Orgulhar-se de seu maravilhoso corpo.

Ser mulher !

Não a mulher quase escrava dos tempos antigos. Não a mulher sem direitos, rigorosamente confinada aos estreitos limites de sua casa. Não a mulher que de nada participava, nem nada sabia, nem podia opinar ou interferir nas decisões masculinas. Não. Não, isso. Falamos em ser mulher moderna, que vive os mesmos problemas do homem e convive nos mesmos ambientes.

Mas, ser mulher que preserve a força de sua feminilidade. Que amamenta e cria seus filhos. Que governa seu lar. Que domina pelo amor. Que, superior pelo encanto. Superior pela delicadeza. Superior pela meiguice. Superior pela suavidade seu carinho.

"Tirai do mundo a mulher" - disse Alexandre Herculano - "e a ambição desaparecer de todas as almas generosas"

E há de ser sempre assim, sejam quais forem os tempos.

Que a mulher se imponha ao homem pelo imenso poder de seu sexo belíssimo. Que ela se ufane de ser mulher. Que ela se ufane de ser esposa. Que ela se ufane de ser mãe.

Evolua o mundo, sofra mudanças a sociedade. Rendamo-nos ao progresso. Sejamos modernos, afinal.

Mas seja eterna a maternidade sublime.

Seja eterna a beleza. Seja eterno o amor.

Seja eterna a mulher !

E vós, jovens médicos, muito podeis contribuir para a solução desse magno problema humano e social.

Ao despedirmo-nos, peço-vos que não vos afasteis de vossa Escola. Voltai sempre a ela, que aqui estaremos para colaborar convosco nas vossas pesquisas.

Estudai sempre. Dedicai-vos com entusiasmo e retidão ... vossa linda carreira.

Aceitai os nossos votos de muito êxito e imensa felicidade.

Que Deus vos abençoe !

DISCURSO DO PARANINHO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1977 - FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE SANTOS

Meus afilhados:

Dir-se-ia que estais empurrando para fora desta terra, para bem longe, para afogar nas profundezas do oceano, toda a imensa ingratidão do mundo !

Dir-se-ia que estais relembando o que pude dizer, como paraninHO, a quatro turmas consecutivas da Escola Paulista de Medicina.

Para que possais avaliar minha sinceridade e emoção, basta vos dizer que, escolhendo-me vosso paraninHO, possivelmente, jovens como sois, nem imaginais o quanto me comovestes. Sou eu o premiado maior neste momento. Humildemente recebo de vossos corações e de vossa bondade a recompensa por sacrifícios tão rduos, tanta luta, tanto estudo, tanto trabalho, tanta teimosia...

Realizei j muitos sonhos, como tive, tamb,m, amargas desilusões. Estas, esqueç;-as no trabalho incans vel de minha carreira. Os sonhos, acalento-os na felicidade inef vel de sua realização. Nunca, por,m, sonhei tanto e tão alto. Nunca esperei momentos de tamanha euforia como os que me deram e me dão os meus jovens alunos.

Dir-se-ia que esses moços, conhecendo meu passado de lutas e de anseios, de trabalho incessante e persistente, quiseram, de maneira insofism vel, dar seu testemunho eloquente da sinceridade de meus propósitos e dos resultados desvanecedores dos meus m,todos de ensino. Para quem sonhou ser professor - e para consegu;-lo venceu os maiores obst culos - nada mais valioso que o reconhecimento de seus alunos, cuja esclarecida vivência , o juiz mais abalizado.

Os que conhecem sabem da minha vida exclusivamente dedicada ... Medicina. Sabem que todos os dias, de manhã ... noite, minha única preocupação , a clínica, o estudo e o ensino. A qualquer hora, meus alunos e meus colegas podem contar comigo para o debate dos problemas comuns de nossa profissão. Meus livros, meus trabalhos, minha experiência estão sempre ao alcance irrestrito de meus companheiros. Transmito a todos tudo que sei ou que vou aprendendo. Esforço-me ao máximo para motivar os que me cercam e conduz;-los no mesmo caminho meu.

Mas, isso , minha vida, minha alegria, minha felicidade!

Confesso-me, por isso, at, mesmo acanhado de receber tão grande homenagem, que não procurei deliberadamente, nem entendo merecer.

Recebo-a, por,m, humildemente, agradecido, rendendo-me ... vontade dos moços que gostam de estudar e são reconhecidos a quem os ajuda nesse mister.

Palavras que revivem agora, por vossa causa. Vossa grande bondade manifesta-se em exagerado agradecimento. Mas, os vossos sentimentos e os vossos propósitos são puros e nobres. E muito contribuem para ir-se firmando e fortalecendo o espírito desta Escola tão nova, mas de futuro tão promissor, na qual há tão pouco tempo, lutam os mestres, os alunos, os funcionários, o governo.

Em nossa carreira, palpáveis já são as realizações.

Sob a égide da Fundação Lusitana, a Faculdade de Ciências Médicas de Santos enriqueceu-se com o Hospital Guilherme Álvaro, da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Neste hospital conseguimos instalar a Maternidade com 36 leitos. E, neste, o Serviço Prénatal se encontra em franca atividade, registrando cerca de oitenta consultas por dia. A Enfermaria de Patologia Médica na Gravidez abriga gestantes com intercorrências clínicas, que, mais do que nunca, exigem assistência toda especial, dentro do conceito das chamadas gestações de alto risco. No Centro Obstétrico, as parturientes recebem toda a assistência requerida, quer no parto normal, quer no parto operatório, com a rigorosa observância dos padrões da obstetria clássica; já são os alunos encaminhados para a saudável fuga ... triste era epidemia das cesáreas. Já são os jovens orientados no caminho da boa obstetria.

A Maternidade vem possibilitando aos alunos do 4o e 5o anos o aprendizado intenso da prática obstétrica. E, quando finalmente se libertarem das muletas, que lhes são impostas pelo estudo fora da Escola, os alunos do 6o ano, bem como os residentes, encontrarão ... sua espera essa admirável célula de ensino tocogínico.

Com a valiosa colaboração e o acompanhamento dos chefes de equipe, a Maternidade vem cumprindo com elevado espírito científico, típico o seu grande papel na Faculdade de Ciências Médicas de Santos. E há de, com a Escola, crescer e prosperar. Porque o Brasil está precisando muito desse crescimento e dessa prosperidade, como já uma vez dissemos: temos muito o que fazer para ampliar a distribuição dos benefícios da ciência médica e oferecer, em todos os cantos de nosso país, a orientação dos exames prénatais e da assistência ao parto e ao puerpério. A mortalidade infantil e materna, as toxicoses, as infecções, as sequelas do parto, as marcas da anoxia e dos traumatismos, tudo isso já está para alertar-nos em nossa luta. Os exames periódicos, a orientação higiênica e dietética, a profilaxia de um grande número de enfermidades das gestantes, algumas com sérias repercussões sobre o feto, tudo isso reveste a Obstetria de um valor incalculável no âmbito médico e social.

Meus afilhados:

Se juntos alguma coisa já fizemos aqui, não é, pouco o que ainda temos a fazer. Agora, ainda mais vos pesa sobre os ombros, porque sois médicos, enorme responsabilidade.

Mas, atentai bem para estas palavras que muito a propósito desejo repetir: ao médico não é, dado ser um profissional qualquer. É o vosso "nus severo e imperdoável".

Digam o que disserem. Falem em injustiças, nos abusos de errada socialização da medicina, em desprestígio da classe, seja o que for. Nada exime o médico de sua tremenda responsabilidade.

O trabalho do médico - e já está a sua peculiaridade gritante - envolve a saúde e a vida, os bens mais preciosos do homem.

Nada justifica, portanto, o descaso, o descuido, a m goa, a revolta do m,dico o momento em que se defronta com o doente.

Nada , maior que a saude e a vida. Nada.

Então, se vos parecer rude o que vou dizer, perdoai-me. Mas, haveis de dar-me razão agora ou mais tarde. Ao médico não são permitidos meios termos. A medicina, para ser exercida ou abandonada.

□ o frio dilema. E pode ser uma bandeira de luta. Nunca, em qualquer hipótese, uma acomodação.

Só há duas atitudes compatíveis com a profissão médica frente aos percalços, sacrifícios e estafa: reunir forças e continuar ou abaixar a cabeça e desistir.

A saúde e a vida não aceitam discussões, nem consentem querelas sociais, políticas, financeiras... por mais justas e tentadoras que aparentam ser.

A saúde e a vida são mais sérias e mais graves.

Lutar por elas, dever indeclinável do médico. Negligenciá-las, baixaza, desumanidade, ignomínia, crime.

Reuní, portanto, vossas forças todas e lutai sempre pela dignidade, pela nobreza, pela maravilhosa missão que hoje tendes o privilégio de receber.

Honrai-a exemplarmente.

Finalmente, deixai-me lembrar-vos do que a Faculdade de Ciências Médicas de Santos vos deu e do que vós a ela deveis. □ esse outro excitante desafio: nova, pequena, mas animada, vibrante, otimista, entusiasmada, esta Escola se firma e cresce pelo valor de seus mestres e alunos, mas muito confia e espera muito dos que nela se formaram.

Ela quer honrar-se, projetar-se, orgulhar-se de seus médicos. Quer que estes, no exercício de sua profissão, engrandeçam-se pelos méritos, assim também a engrandecendo.

A Faculdade de Ciências Médicas de Santos quer ser digna, quer se nobre pela dignidade e pela nobreza de seus filhos.

Estudai, pois. Trabalhai, pois.

Pela Medicina.

Por vós.

Pela vossa Escola.

Nunca vos esqueçais disso.

Recebei nosso abraço e nossos fervorosos votos de felicidade.

Ide com Deus.

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1977 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Meus afilhados:

Mais uma vez, sem que eu tenha tido meios de impedir, vossa extrema bondade eleva-me ... glória do patronato.

□ mais, muito mais do que eu poderia almejar, mesmo após tantos e tantos anos de estudo e de ensino.

São graves as responsabilidades, minhas e vossas.

Minhas, porque vos devo dar proteção, conselho, bençãos; vossas, porque deveis ver como eu vi, amar como eu amei, viver como eu vivi; o ideal sublime da Medicina!

Se, como patrono, avoco para mim os direitos dessa honrosa adoção, vós, que como tal me elegestes, estais implicitamente aceitando essa injunção!

Patrono, o protetor, o defensor, o padrinho, como foi o patronus na antiga Roma, o senhor com relação aos libertos, sobre eles mantendo, por mim, natural ascendência.

Assim, a liberdade que hoje comemorais, porque deixastes de ser alunos, no entanto, não é somente, a passagem para a responsabilidade maior, o trabalho mais exaustivo, o dever mais sagrado, porque de alunos passais a médicos.

A Escola Paulista de Medicina vos liberta, mas vos mantém sob o patronato que, em nome dela, fiz-me representar.

E eu o faço com extremo prazer, com extremo orgulho, com extrema honra.

Sei, porque vos conheço, dos méritos com que ides enriquecer vosso brilhante mistério. Sei que de vossa Escola e de vossos Mestres tereis sempre o exemplo e a influência. Sei que a Medicina será exercida por vós com o cuidado, o carinho, a competência que a nobre profissão exige. Sei que o doente será vossa única preocupação, e, sua cura, vosso ideal supremo. Sei que respeitareis sempre vosso semelhante enfermo. Sei que sempre lutareis pela dignidade de vossa profissão e por seus intocáveis valores éticos. Sei que nunca vos rendereis em vossa incansável defesa da Ciência e da Moral, sob a égide dos mais legítimos postulados da Medicina. Sei que estudareis, que vos atualizareis, que vos aperfeiçoareis sempre.

Mas, sobretudo, sei, porque vos conheço, que sereis humanos, que sereis caridosos, que sereis bons.

A Escola Paulista de Medicina, por certo, muito se orgulha de vós, como tanto se orgulha dos excelentes médicos que já formou.

Vossos pais terão a recompensa merecidíssima, vendo o vosso conceito e o vosso progresso.

E eu vos acompanharei, vosso patrono que sou, alegrando-me com as vossas conquistas e não vos negando nunca o meu olhar de protetor e amigo.

Que Deus vos abençoe.

DISCURSO DE PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1978 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Meus afilhados:

Sei agora - confesso-o com franqueza - que, tal como a esperança, a vaidade tamb,m tarda a morrer...

Talvez não a vaidade introspectiva, a que nos faz ufanos de nossos supostos valores. A que hipertrofia em nós os m,ritos, ou nos faz sorrir de jbilos indevidos, ou nos contente de vitórias ilusivas, ou nos alegra de bens imaginosos, de superioridade pretensa, de vantagens fugidias. Mas a vaidade que em nós perdura - sei agora - , a que me envolve, e me entenece e me acalenta ao contemplar os meus alunos, que se fazem m,dicos, e, nesta hora de alegria, querem, por imensa bondade, que eu fique a seu lado. E, dando-nos as mãos, abraçando-nos, eu me reveja neles, eu deles me orgulhe, eu, enfim, por eles me envaide#a...

Por vosso delicado gesto, novamente sou erguido ... honra do patronato.

J disse uma vez - e repito-o agora - nunca sonhei tanto, nem tão alto.

Sou, a todos vós, profundamente grato. Mas, a cada turma que me homenageia, sempre tenho procurado dizer que sou, afinal, apenas um homem que fez toda uma vida confundir-se com um grande ideal. E este, sim, , elevado e imorredouro. □ a prec;puia razão de minha existência toda, de meus estudos, de meus pensamentos, de meu trabalho, de meus anseios: A Medicina !

A isso - a esse ideal - , que estais, por certo, dedicando o carinho de vossa desvanecedora homenagem.

A Medicina! Ser m,dico , ter no c,rebro e nas mãos a possibilidade de conseguir que do corpo humano se afaste o sofrimento, e a dor nele se extinga. E o corpo, que cont,m a alma, viva! E o homem, vivendo, sorria e sinta, no inef vel prazer da safde, a força que produz, a beleza que extasia, a glória suprema do pensamento.

□ a safde. □ a vida. □ a felicidade do ser humano. Esse o ideal que Deus colocou no c,rebro e nas mãos do m,dico.

Ideal tão grande, tão alto que, diante dele, pequenos somos nós, e curta nossa existência e parca a sabedoria, para profess -lo na plenitude de seu alcandorado destino.

Possam os meus alunos, vs, os m,dicos de hoje, comungar de minhas id,ias. Possam imbuir-se da pureza, da gravidade, do objetivo nobre, do valor excelso, do propósito definido que , o exerc;cio pleno da Medicina, hoje e em todos os tempos.

Possam os meus alunos, vs, os m,dicos de hoje, comigo vislumbrar que o ideal que nos empolga, a ciência, a arte que abarcamos não permite, no seu desempenho, sequer um instante de hesitao, não admite qualquer atitude dúbia.

A safde e a vida são bens preciosos demais. Para t-los sob nossa guarda, antes urge expulsar de nós a tibieza e a ambiguidade. Antes nos cumpre decidir, firmes, nosso verdadeiro caminho, do qual nada, nem ningu,m nos afastar ,

porque, ao depararmos com o nosso semelhante enfermo, nada , mais forte, nada , maior, nada , mais importante que a saúde e a vida. Nada.

Ao debruar-se sobre o doente, o m,dico a tudo se sobrepãe. Nesse exato momento, todos ... volta emudecem, entre aflitos e esperançosos. Tudo, nesse instante sublime, se aquieta. Como se parasse o tempo. Como se inexistisse o mundo. Como se a esperança, a salvaçõo, a alegria, a paz, a felicidade, afinal, se escoasse das mãos habilidosas do m,dico, emanada de seu cerebro privilegiado.

Como, então, relegar esse misterioso nobre a outro plano qualquer? E exercê-lo com m goa e desencanto? E praticá-lo como displicência? E aceitá-lo como um trabalho qualquer? E vivê-lo sem o urgir com o amor mais puro e o mais profundo respeito?

Meus alunos, vçs, os m,dicos de hoje, haveis de encontrar meios e forças para manter esse ideal flamante. Haveis de honrar sempre a nossa Escola Paulista de Medicina. Haveis de ser eternamente agradecidos a seus pais. Haveis de ser muito felizes, com as bênçãos de Deus!

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1978 - FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE SANTOS

Meus Afilhados:

Por que, afinal, me cumulais de tanta gentileza? Por que esse empenho, que me comove, de serdes gratos ao meu interesse por vós? Por que esse fervor de homenagear-me assim?

No afã de transmitir o que sei e o que vou aprendendo, no incontido anseio de ver-vos cada vez mais e melhor preparados para o desempenho de vossa missão de médicos, não vejo senão o cumprimento do meu dever, em que muito ponho, aliás, de prazer e alegria.

Eu, que vos serei eternamente grato. Ser vosso patrono, honra inextinguível, como foi imenso o meu júbilo de ser, da turma anterior, o paraninfo.

O delicado reconhecimento dos alunos sempre enteneceu os professores. Ele se afigura como a medida de um esforço, a concordância, o resultado auspicioso, o coroamento de uma obra.

□ conchego para um fim de tarefa. □ desdobre de novos horizontes. □ alento para a prossecução do magistério.

Mas, acima de tudo, a felicidade de ver-nos contentes pelo que recebestes e orgulhosos pela formação que tivestes.

A Faculdade de Ciências Médicas de Santos, no desenrolar de vossa fecunda carreira, ir, então, cada vez mais refulgindo no elenco das instituições científicas do país, sobrelevando as dificuldades sem dúvida tão somente episódicas.

Sereis vós sua extensão. Sereis vós seu exemplo. Na inabalável firmeza de vossa conduta profissional. Nos vossos propósitos altaneiros. No vosso aprimoramento diuturno. Na vossa dignidade e competência.

Na turma anterior procurei encarecer a peculiaridade irremovível de nossa profissão, ... qual não se permitem meios termos. □, como já disse uma vez, o seu peso "nós".

Nossas metas, nossos problemas, nossas dificuldades, nossos desencantos devem ser esquecidos frente ao ser humano que precisa de nós e em nós confia. Mas, se essas metas, esses problemas, essas dificuldades, esses desencantos forem para nós maiores que a vida humana, então só nos resta chamar quem por nós possa prosseguir na magna incumbência.

□ ampla e grave, também, a responsabilidade do médico na contextura social. Seu papel, sensível e profícuo, envolve, desde a pesquisa ... busca de novos meios de cura ou de alívio dos males do corpo, até, a abalizada orientação dos homens em sua convivência e integração ao seu ambiente.

□ o médico que tem o condão de conduzir as criaturas para o aprimoramento de suas condições de vida. Para descortinar-lhes as maravilhas da eugenia. Para convencê-las a receber as benesses da higiene. Para fazê-las abominar o fumo e execrar o álcool. Para incutir no espírito de todas as mulheres a repugnância do aborto e a magnitude do aleitamento materno.

Se exercerdes assim a vossa missão científica, patriótica, humana, então sereis médicos e sereis homens e colhereis louros e bençãos.

Vossos pais terão a justa recompensa de todos os sacrifícios. Vossa Patria vos agradecerá. Vossos mestres se orgulharão de vós, e, acima de tudo, sereis muito felizes.

Ide, pois. Que Deus vos acompanhe.

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1979 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Meus Afilhados:

Não fora temerário ao médico simples lembrar o conquistador ousado, parodiando-o, guardadas as proporções de tempo e destino, e eu vos diria, agora, entre incrédulo, surpreso e maravilhado: do alto desta escalada, quarenta anos vos contemplam!

E com que irreprimível emoção, com que recôndito orgulho, com que esfuziante alegria eu vos contemplo!

Sois vós, afinal, na vossa juventude, nos vossos méritos, na vossa inteligência, na vossa pertinência, no vosso ideal, mas, sobretudo, na vossa bondade imensa, a maior razão da minha faina de quarenta anos nesta excelente Escola Paulista de Medicina.

Desde 1939, aprendendo e ensinando, ajudando a formar tantas turmas de médicos, sempre, na lide diuturna, ao lado dos alunos, também amigos, temos procurado construir um mundo de respeito e amor ... nobre ciência e ... arte excelsa da Medicina.

Trabalho incansável, estudo cuidadoso, prática ininterrupta, tudo pusemos nós, os alunos, mais jovens, e eu, mais velho, na parte que nos coube, para cumprir o nosso dever precioso, nestes quarenta anos dedicados ... nossa Escola.

Longo tempo e dura aflição, evitado de alguns desenganos, mas, em sua amplitude, repleto de recompensa e transbordante de bênçãos.

Recompensas que estão nas legiões daqueles que se fizeram médicos e prosseguiram, e prosseguem, e prosseguirão, se Deus quiser, honrando e enaltecendo o seu humano mister.

Bênçãos pelo alívio do sofrimento humano. Pelas curas obtidas. Pelas vidas salvas.

Meus jovens colegas !

Desvanece-me a vossa gentileza e a vossa bondade. Enorme, a gratidão com que recebo a vossa escolha.

Aceito-a, por mim, com humildade, movido, principalmente, pela esperança que tenho de, como vosso patrono, continuar oferecendo-vos todo o meu apoio. Se assim estarei tranquilo e contente: sabendo que não encerramos aqui nosso trabalho conjunto, mas iniciamos nova e fecunda missão.

A nossa missão, agora, de médicos.

Que extraordinária oportunidade a vida vos oferece! Em que condições estais no mundo conturbado de hoje, na sociedade em ebulição, vendo os homens trilhar ignóvilos caminhos para atingir, a qualquer custo, objetivos nem sempre confessáveis!

Desde a cobiça, que promove as guerras, ... sede de poder, que gera injustiças, até, o consumismo, que propicia o comércio alicerçado na imoralidade e no vício, o homem atravessa terrível momento de amargura e de dor. E sofre. Os males, do corpo e do espírito, aumentam. Como aumenta o aborto criminoso, a

mortalidade infantil, a s;vilis. E a dependência a drogas. Como aumenta o crime, a vergonha que , o menor abandonado. O alcoolismo. O tabagismo. E as mães que não criam seus filhinhos. As mães que não amamentam.

Enquanto isso, enquanto o sofrimento aumenta, fecham-se hospitais!...

Mas o médico tem de continuar, mercê de Deus, o seu labor sublime. Tem de continuar!

□ o que deseja, de todo o coração, este patrono que vos abraça e vos abençoa.

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO
TURMA DE 1979 - FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE SANTOS

Meus Afilhados:

Nem tudo está perdido.

Sois jovens. Estais no limiar de vossa carreira de médicos. A juventude, força e esperança. A Medicina, eterna.

Nem tudo está perdido. Porque sois médicos e sois homens de bem. Porque chegastes, como exemplo de superioridade e perseverança, ao final de vosso curso.

Agora, temperados na luta e no sacrifício, haveis de desempenhar, com dignidade, vosso importante mister.

No estudo, na pesquisa, na prática, haveis de aperfeiçoar-vos, inabalveis na vossa fé, firmes no vosso propósito, inarredveis no vosso ideal.

Não esmorecesteis no vosso difícil período escolar. Nada vos deteve. Nada vos deterá.

Orgulho-me de vosso espírito. Fizestes vossa parte. Cumpristes vosso dever. De cabeça erguida. De consciência tranquila. De alma pura.

Assim vos despedis, agora. E, com extrema bondade, num gesto, que me desvanece, de rara fidalguia, deixais-me partilhar da vossa despedida.

Este vosso lisonjeado patrono, que também cumpriu seu dever, também se despede.

Noutros lugares, noutros momentos, por certo nos encontraremos ainda muitas vezes.

Colocaremos juntos, como at, aqui, sempre, acima de tudo, a Medicina.

Teremos em mente a cura dos males do homem. A supressão da dor e do sofrimento. O combate à invalidez e morte. O prolongamento da vida.

Nenhum outro interesse. Nenhuma ambição ser maior.

Porque não nos afastaremos do nosso trabalho. Mesmo enfrentando os percalços do presente e as incertezas do futuro.

Patrono, agradecido pela honraria que os moços lhe concederam e feliz pelos bons resultados de seu magistério. Afilhados, orgulhosos por se tornarem médicos; nós, cumprida nossa tarefa, satisfeitos, abraçados, dizemos o nosso adeus ... Faculdade de Ciências Médicas de Santos.

A vós, meus afilhados, meus colegas, meus amigos, desejo, de coração, o maior êxito na vossa carreira médica e a maior felicidade pessoal.

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1981 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Meus Afilhados:

Nem sei o que vou dizer. Nem sei. Tantas vezes paraninfo, patrono tantas vezes, anos e anos, ininterruptamente, eu, velho professor, recebo a enternecedora homenagem de meus jovens alunos. E recebo com indisfarçável orgulho, mas, acima de tudo, com a mais profunda gratidão e a mais pura humildade essa manifestação de carinho e bondade, que tanto retribuí ao que pude oferecer, tão pouco.

Nossa querida Escola Paulista de Medicina tem acolhido, ao longo desses anos todos, e favorecido, e acorçoadado o esforço conjunto de mestres e discípulos, que, com alevantado espírito e vontade férrea, enaltecem a ciência e a arte de curar. Nesta Escola se formam, desta Escola partem homens cultos e bons, homens fortes e nobres, que se vão colocar a serviço da mais bela causa e vão oferecer o mais lindo exemplo. Homens que vão lutar contra a doença e a

morte. Homens que estarão presentes ao primeiro sopro de uma vida, para proteger com desvelado amor aqueles que nascem, homens que estarão presentes ao primeiro sinal de dor, para mitigar o sofrimento daqueles que adoecem ou daqueles que se vão.

Do início ao fim da existência, a saúde, o ideal maior, e cabe ao médico velar por ele. Se isso não pode ser questionado, se ninguém pode prescindir do médico, se a saúde, o primeiro de todos os bens dos homens, sem o qual eles nada podem ter ou pretender, então por que não são mais os médicos tão admirados e respeitados como o foram em outros tempos? Por que? Que se passa, afinal, nos dias de hoje?

Ensina-nos Will Durant, o inesquecível e esplêndido pensador: "Não ser possível que com todos os seus males e suas limitações a vida ainda possa ser um bem, caso a ajudemos nisso"? Vamos, então, ajudá-la, ajudar nossa profissão, ajudar nossa carreira, lutar com firmeza, inquebrantável pela beleza suprema da Medicina! E não ceder a nada que a macule. E não aceitar nada menos que sermos isso para que nos preparamos tanto: Médicos !

Voltemos ao grande Will Durant: "Se conhecessemos melhor a história, nela encontraríamos elementos para grandes consolações. A perspectiva, tudo. Admitindo a impermanência das ideias, dos indivíduos e dos estados, nós não entregaremos nossas almas aos "ismos" utópicos, nem nos afogaremos nas desgraças e males que a humanidade conheceu e padeceu outrora. Se na mocidade um homem atrelou seu carro a uma estrela cadente, se se amarrou a um sonho impossível, se jurou nunca mais sorrir enquanto houver exploração e corrupção na terra, o que fez foi condenar-se a um descontentamento perpétuo".

Meus Afilhados:

Não vos condeneis a esse descontentamento perpétuo. As dificuldades são para os fortes, que, por certo, as vencerão. As crises são efêmeras. Mas a Medicina, eterna.

Mas, haja o que houver, só há um caminho para manter o respeito a que o médico tem o mais indiscutível direito: trabalhar e estudar com afinco, ser bom e incorruptível.

Que assim haveis de ser.

E que Deus vos abençoe.

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1982 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Meus Afilhados:

Tantos ne tantos anos, seguidamente, ininterruptamente, tenho sido honrado com a homenagem de meus alunos. Embora atribua essa distin#o ... extrema generosidade dos jovens, confesso que a recebo sempre com a mais grata alegria, com a mais viva emo#o.

Ao agradecer, tenho procurado, cada ano, transmitir alguma id,ia que julgo deve ser meditada pelos novos m,dicos, por estar ligada ... nossa t#o bela profiss#o.

Neste ano, por,m, pe#o que a paci#ncia dos senhores me permita uma digress#o e uma s;ntese, porque eu pretendo que este seja um momento de evoca#o, como se eu j estivesse tocado por uma saudade imensa.

Lembro-me de ter falado aos mo#os que, no exerc;cio da medicina, n#o se permitem meios termos.

Nossas m goas, nossos problemas, nossos desencantos devem ser esquecidos frente ao ser humano que precisa de n#s e em n#s confia.

Digam o que disserem, falem em injusti#as, nos absurdos de errada socializa#o da medicina, em desprest;gio da classe, seja o que for: o trabalho do m,dico - e a; est a sua peculiaridade gritante - envolve a safde e a vida, os bens mais preciosos do homem.

Nada justifica, portanto, o descaso, o descuido do m,dico no momento em que se defronta com o doente.

Nada exime o m,dico de sua tremenda responsabilidade. Nada , maior que a safde e a vida. Nada...

Lembro-me de ter falado aos mo#os que o papel do m,dico , sens;vel e prof;cuo, envolve, desde a pesquisa, a busca de novos meios de cura ou de al;vio dos males do corpo, at, a abalizada orienta#o dos homens em sua conviv#ncia e integra#o ao seu ambiente.

□ o m,dico que tem o cond#o de conduzir as criaturas para o aprimoramento de suas condi#es de vida. Para descortinar-lhes as maravilhas da eugenia. Para convenc#-los a receber as benesses da higi#ne. Para abominar o fumo. Para execrar o lcool. Para incutir no esp;rito de todos a repugn#ncia pelo aborto e a magnitude do aleitamento materno. Porque os males do corpo e do esp;rito aumentam, como aumenta a mortalidade infantil. E a depend#ncia ...s drogas. Como aumenta o crime praticado pelo menor abandonado. Como aumenta o n#mero de m#es que n#o criam seus filhos, de m#es que n#o amamentam.

Lembro-me de ter falado aos mo#os que o aborto, a falsifica#o de rem,dios, as falsas cl;nicas, o charlatanismo, o mercantilismo, a maldade h#o de esbarrar sempre nos m,dicos altivos, competentes, corretos, caridosos, soberbos em sua determina#o !

H#o de esbarrar em m,dicos que nunca descer#o de sua dignidade, intoc#veis na sublimidade de sua miss#o.

Ser médico, ter no cérebro e nas mãos a possibilidade de conseguir que o sofrimento se afaste do corpo humano, que dela a dor se extinga. E o corpo, que contém alma, viva!

E o homem, vivendo, sorria e sintia, no ínfimo prazer da saúde, a força que produz, a beleza que extasia, a glória suprema do pensamento. □ a saúde! □ a vida! □ a felicidade do ser humano o ideal que Deus colocou no cérebro e nas mãos do médico. Ideal tão grande, tão alto que, diante dele, pequenos somos nós e curta nossa existência e parca nossa sabedoria, para professá-lo na plenitude de seu alcançado destino!

Lembro-me de ter falado aos moços que, se estamos diante de uma grande mutação social, as implicações desta sobre o ser humano, suas causas e seus efeitos, devem ser preocupação do médico.

Dramáticos instantes, como os de agora, várias vezes têm abalado os povos.

Idias têm surgido. Idias têm desaparecido. Umam fincam raízes. Outras são superadas. Mas o homem - o ser humano, anatomicamente e fisiologicamente - , sempre o mesmo. E, sobretudo, a Natureza, a sãbia, a misteriosa, a soberana, a irreduzível, a insuperável natureza, , sempre a mesma.

Lembro-me de ter falado aos moços que, no momento atual, moços e velhos devem compreender-se, unir-se no mesmo propósito elevado de atenuar as consequências de mudanças sociais tão rápidas e profundas.

Se menos afoitos uns e menos conservadores outros, não vemos em que a diferença de idade possa ser um mal e gerar antagonismo, quando deveríamos todos - moços e velhos - contribuir com as qualidades e vantagens que nos são inerentes.

Porque negar os problemas da juventude de hoje? Mas, tamb,m por que combater sistematicamente os mais velhos? E esquecer que, tamb,m eles, t^m enormes problemas? Juntos, moços e velhos, pais, filhos, m,dicos que serÆo professores, filhos que serÆo pais e velhos que j foram moços. Professores que j foram alunos. Pais que j foram filhos, nossa tolerfncia deve ser rec;proca. Nosso entendimento, mftuo.

Lembro-me de ter falado aos moços sobre as maravilhas do ensino. De ensinar sem medir esforços. Ensinar com vontade. Ensinar com desprendimento. Ensinar por prazer.

O professor deve saber cultivar seus seguidores. O aluno deve saber preparar-se para continuar, manter , mais tarde, tamb,m transmitir a mesma obra e o mesmo ideal: ENSINO, ASSISTÛNCIA e PESQUISA.

Anos apçs anos, a bondade de meus alunos tem premiado o meu modesto trabalho de professor.

Mas que tem sido, afinal, minha vida, senÆo trabalho rduo e estudo constante? E a doa#Æo dessa longa experi^ncia a todos que me quiseram ouvir? Que outra coisa tenho feito, senÆo exercer a Medicina em sua plenitude e deixar-me absorver inteiramente por ela? E depois esforçar-me ainda mais para transmitir aos mais moços tudo que pude observar e aprender?

Sinto-me agora, diante desta fltima turma de m,dicos que me homenageiam, fartamente recompensado. Sinto a tranquila satisfa#Æo do dever cumprido. Mas sinto, sobretudo, a alegria imensa de quem sempre viveu como realmente quis e realmente sempre gostou de tudo o que fez.

Sinto a euforia de quem atingiu seu ideal. De quem teve um grande sonho e afinal o realizou., Nesta Escola e, fora dela, em muitos lugares e ocasiões, durante longos e longos anos, pude ser professor como tanto almejei desde o in;cio de minha carreira e como o fui sempre, com o maior prazer, com a maior dedica#Æo, com o maior amor.

Nada me honrou mais do que o t;tulo de professor desta grande Escola! T;tulo que procurei, de minha parte, tamb,m honrar, dentro de minhas possibilidades.

Trabalhei muito, sem interrup#Æo ou esmorecimento. E, at, o fltimo dia em nossa Escola, porque me sinto forte e entusiasmado como sempre, nÆo diminuirei o ritmo do meu trabalho. Depois, continuarei a ser professor - porque esse , meu destino - onde estiver, enquanto houver quem queira me ouvir e nÆo me faltarem safde e disposi#Æo.

Meus afilhados, essa , - a minha vida - o singelo exemplo que lhes ofereço, com humildade e respeito.

Que minhas palavras sejam lembradas em seus momentos dif;ceis e lhes sirvam de incentivo.

Sejam bons m,dicos. □ o que sempre desejei para os meus alunos.

E assim ser .

DISCURSO DO PATRONO - PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

TURMA DE 1983 - ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
ANO DO CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA

Meus Afilhados:

Ser escolhido, novamente, para patrono de mais uma turma de médicos, tem, desta vez, um significado especial, que mais ainda me sensibiliza, principalmente por dois fatos: primeiro, porque este, o ano, particularmente importante, em que a Escola Paulista de Medicina comemora seu cinquentenário. Segundo, porque já estou aposentado...e, como tal, só posso ver, em vós, redobrada delicadeza, redobrada bondade, redobrada honra !

Sou-vos, por tudo isso, imensamente grato.

Seja-me dado transmitir-vos minha palavra de admiração e de fé. E dizer-vos da esperança que tenho nesta nova geração de médicos que se far presente e se far ouvir. Mas que, por certo, tomar posição mais firme e decisiva.

□ prerrogativa do médico a defesa da saúde e a preservação da vida, respeitando as suas normas da natureza.

Então, que o médico não mais permita que os assuntos da saúde e da vida sejam tratados por leigos e com leviandade. Que ninguém mais se intrometa nas questões que só ao médico compete opinar. Mas, sobretudo, que ninguém mais tente omitir a importância da profissão do médico, nem aviltar o seu trabalho.

Sois vós, médicos, que jamais deveis descer de vossa dignidade. Intocáveis na sublimidade de vossa missão, ninguém mais ousar se servir de vós para os lances subreptícios da dissolução dos costumes, da corrupção, do crime. Sois, vós, médicos, em vossa força, em vossa respeitabilidade, em vossa austeridade, em vossa competência, em vossa autoridade, que haveis de prevalecer nos destinos de vossa própria carreira. Ninguém mais.

Não haver como prosseguirem os maliciosos, os aproveitadores, os gananciosos, os demagogos. Não, se vós não o permitirdes, inatingíveis que sois na magnitude da Medicina.

O aborto, a falsificação de remédios, as falsas clínicas, o charlatanismo, o mercantilismo, a maldade há de esbarrar sempre em vós, médicos ativos, competentes, corretos, caridosos, soberbos na vossa determinação. E, pela própria natureza da vossa missão, que, insubstituível e indispensável, ninguém vos dominar .

Em lugar de incertezas e desencantos, vós os jovens médicos, deveis revestir-vos de maior firmeza e vos impor perante a sociedade. Não permitireis que em vosso nome falem ou decidam, nas questões de vossa competência. Não consentireis que se deslustre a vossa profissão, nem vos atinja, nem vos amesquinhem.

E, assim, respeitosos e respeitáveis, dignos, capazes, idealistas, incorruptíveis, vós, os médicos, velareis, piedosos, ... cabeceira de um doente, aliviareis a dor, trareis, orgulhosos, uma criança ao mundo, salvareis uma vida!

Atentai, pois, a todo o momento, para a importância, a gravidade e a santidade de vossa missão. Isso vos dar alento e vos tornar vitoriosos.

□ o ardente desejo de vosso patrono.

Que Deus vos guie.

DISCURSO DO PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

Meus Afilhados:

Quero expressar meu profundo agradecimento pela honra que me concedestes, fazendo-me vosso patrono.

Que devo, afinal, dizer-vos, nos tempos em que vivemos? Como reafirmar, ante as vossas dificuldades, ante os vossos problemas de insegurança, a minha fé, inabalável na importância e no valor de vossa profissão?

O exercício da Medicina, a própria preservação da saúde e da vida, portanto absolutamente indispensável ao ser humano. Para combater os piores males - a doença e a morte - imprescindível, a presença do médico.

Por que, então a insegurança dos que se inibiam? Porque longe vão os tempos da partin cia. Da vontade f, rrea. Da obstinação. Do ideal. Da luta.

Longe os tempos do combate sem tr, gua, na defesa, a qualquer custo, dos postulados supremos da nossa missão.

Ah! A Medicina! Ela, magestosa, ela soberba, tem de ser inatingível. · sua sobra não se abrigar, jamais, os maliciosos, os mercantilistas, os corruptos, os desalmados. Ela não servir de pretexto jamais ao servilismo e ...s artimanhas dos demagogos.

O médico deve iniciar sua carreira com decisão e prosseguir nela com firmeza. □ ao médico, afinal, que cabe a honrosa tarefa de dar, com o seu exemplo e com a sua austeridade, um basta a essa horda de v, fndalos que ataca a sociedade, semeando id, ias matreiras, sob o rótulo de intelectualidade. Um basta a essa chusma de debilídes, deslumbrados uns com os outros, assolando a humanidade com suas campanhas destruidoras, a serviço de interesses por certo inconfessáveis, um basta a essa campanha avassaladora contra os valores mais elevados: a maternidade, o amor filial, o respeito ... velhice, a proteção ... criança, o patriotismo, a crença em Deus, e, afinal, o médico.

Sim, contra o médico. Quando a demagogia se vale do trabalho do médico e o avilta, quando a pseudo líder de um pseudo feminismo prega a legalização do aborto, quando se insinua que o leite materno está superado, quando proliferam

charlatões, quando se propagam curas milagrosas e se falsificam remédios, e o médico se cala, omitindo-se, ou se submete, a isto, no desconhecimento de seu valor e de sua força, a causa de suas próprias dificuldades, de sua insegurança, de seu desencanto.

Preservai, custe o que custar, portanto, a dignidade de vossa belíssima profissão. Não vos deixeis dominar. Não abdiqueis de vossa autoridade.

A saúde e a vida estão sob a vossa guarda e são vossa inteira responsabilidade. Não consentais que contra elas se levante a imoralidade, a corrupção, o crime.

Só assim vossa carreira médica se engrandecer e progredir sob a vossa tutela, não sob a dos outros.

Esses são os votos e o conselho de vosso patrono.

Deus vos proteja e inspire.

DISCURSO DO PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

POSSE DOS DRS. LUIZ KULAY JUNIOR E LUIZ CAMANO

Foram muito gratas ao meu cora o as palavras bondosas dos oradores que me precederam. Hoje, indiscutivelmente, , um dia de festa.   de alegria imensa este momento. Mas ,, sobretudo, esta solenidade, a manifesta o do reconhecimento ... força indomvel, ... beleza sem par, ao exemplo dignificante do trabalho, da perseverança, da determina o, da sensibilidade, da inteligência.

Dois m,licos na verdadeira acep o da palavra, ainda jovens e cheios de vida, alcançam elevada posi o universit ria, fazem-se professores titulares, mercê de seu talento e de seu esforço. Talento e esforço que se tornaram maiores e mais produtivos por terem sido praticados com humanidade e desprendimento. São dois novos professores de obstetr cia que dedicaram muitos anos de suas vidas aos cuidados e ... prote o da mãe pobre. E que pela cultura científica, pelo acendrado amor ao trabalho, pelo espírito de sacrifício são hoje aqui recebidos com admira o e respeito.

Os professores, Doutores Luiz Kulay Junior e Luiz Camano, galgaram, por merecimento, após muitos e muitos anos de estudo e labor, todos os patamares da carreira universitária. Conquistaram o doutorado, a docência livre, foram Professores Adjuntos e, agora, são Professores Titulares da Disciplina de Obstetrícia do Departamento de Tocoginecologia da Escola Paulista de Medicina.

Obstetras consumados, percorreram, entretanto, dois caminhos diferentes: o Dr. Camano, dentro da obstetrícia global, dedicou-se muito ... patologia médica do ciclo gravídico-puerperal. Nesse campo desenvolveu seus trabalhos, sempre com brilhantismo e objetividade, sendo detentor de considerável bagagem científica. No exercício, por, de sua clínica, foi, durante 15 longos anos, o parceiro bondoso e paciente que socorreu, incansável, a mãe necessitada, na Casa Maternal e da Infância.

O Dr. Kulay, no seu caminho, além de praticar a clínica e a cirurgia, fez-se pesquisador. São notáveis seus trabalhos no campo da Obstetrícia Experimental. Na Disciplina de Histologia da Escola Paulista de Medicina, que tem a direção do Prof. Sasso, o Dr. Kulay possibilitou a feitura de inúmeras teses de Doutorado e Docência Livre. Através da experimentação, procurou, dentro do possível, apontar os riscos do uso indiscriminado de drogas na gravidez, chamando a atenção para os seus efeitos maléficos.

Estudou com profundidade os fatos clínicos decorrentes de diversos fármacos na gravidez, com isso prestando relevante serviços ... clínica obstétrica. E demonstrou que, além do alto significado científico, suas pesquisas têm a preocupação de proteger a parturiente e o conceito, preocupação que, constante também em sua vida de obstetra.

Ambos, o Dr. Kulay Junior e o Dr. Camano, muito me valeram em nossa Clínica Obstétrica.

Em poucas palavras, em ligeira menção de seus incontáveis méritos, disse eu tão somente das linhas gerais da formação médica desses dois professores.

Mas permitam-me lembrar algo mais. Afinal, conhecem-os muito bem: foram meus alunos! Formados na Escola Paulista de Medicina, deste os bancos acadêmicos se salientaram pela vontade inquebrantável de aperfeiçoar-se.

Não mediram esforços. Não arrefeceram o ânimo. Souberam aliar magnificamente o ESTUDO, a ASSISTÊNCIA e a PESQUISA, essas vigas mestras da carreira médica.

Perceberam, desde cedo, que o ensino não pode se dissociar da assistência.

E esta se acrisola ao trato bondoso do material humano que lhes é confiado.

Os Drs. Kulay Junior e Camano revelaram sempre que lhes sobejava a qualidade primordial do bom médico: o amor a seus doentes.

E sob a égide desse amor construíram a sólida estrutura de seu saber e de sua prática obstétrica.

Foram bons sempre. Foram sempre estudiosos. Foram sempre trabalhadores. Seu constante sacrifício, sua dedicação constante, seu propósito elevado, seu profundo apego aos postulados do ENSINO, da ASSISTÊNCIA e da PESQUISA, eis aqui o esteio do nobre título que hoje recebem, nesta ocasião solene, os Doutores Kulay Junior e Camano.

Como professor, acompanhei, em todos os momentos suas carreiras brilhantes. Testemunhei seus esforços, a sua perseverante busca dessa l urea tÆo sonhada.

Sei de seus m,ritos. Sei de sua luta. Sei de sua abnega#Æo.

E revendo, comovido, os meus 42 anos de Escola Paulista de Medicina, sinto-me orgulhoso e feliz. Porque hoje assisto ... conquista de tÆo justo galardÆo e vejo o tÆo magn;fico exemplo que os Doutores Kulay Junior e Camano oferecem aos que se iniciam na nobre e bela profissÆo.

DISCURSO DO PROF. DR. DOMINGOS DELASCIO

LANÇAMENTO DO II VOLUME DE
"TEMAS DE OBSTETRÓCIA, GINECOLOGIA E PEDIATRIA NEONATAL"
(publicado na Revista Maternidade e Infância -
vol. XXVI de out-dez 1967 - no 4)

Minhas Senhoras,
Meus Senhores!

O lançamento de nosso segundo livro e a entrega de prêmios são os felizes motivos de nossa presença nesta noite aqui, lisonjeados pela gentileza da Prociex e da Nestlé.

No entanto, desvanecidos e at, orgulhosos, assistimos, mais uma vez, ... confirmamos e ao êxito dos resultados práticos de 14 anos de trabalho na Direção da Clínica da Casa Maternal e da Infância "Dona Leonor Mendes de Barros" e aos poucos, mas profícuos, 10 meses de regência da Cátedra de Obstetrícia da Escola Paulista de Medicina.

Em ambas as instituições, com a mesma tenacidade e com a mesma fé, procuramos seguir e respeitar, acima de todos os percalços, o mesmo lema - "ASSISTÊNCIA - ENSINO - PESQUISA CIENTÍFICA" e disso tem resultado o surgimento de inúmeros trabalhos, num constante incentivo aos médicos e estudantes.

Esgotado rapidamente o I volume, lançamos agora o II de nosso livro "Temas de Obstetrícia, Ginecologia e Pediatria Neonatal".

Devemo-lo, também, ... Casa Maternal e ao seu corpo clínico. Devemo-lo ... Revista "Maternidade e Infância".

Devemo-lo ... Comissão Editorial, composta pelos dedicados companheiros Antonio Guariento, Joaquim Clemente de Almeida Moura, Jos, Olympio Senna, Sebastião Piato e Cláudio Canato.

Mas devemo-lo, muito, ao Fundo Editorial Prociex, que patrocinou a publicação dos dois volumes do livro, numa iniciativa inédita entre nós, dos mais alevantados propósitos.

Por isso somos imensamente gratos ... Prociex e manifestamos nossa admiração ... sua Diretoria, através do ilustre colega, Prof. Dr. Jair Xavier Guimarães.

Agradecemos ao esforço e ao desprendimento do Sr. João Batista Monteiro, Diretor estadual da Legislação Brasileira de Assistência em São Paulo, incansável no apoio que nos tem prestado, especialmente na manutenção da Revista "Maternidade e Infância", há pouco ameaçada de desaparecer, apesar de seus 23 anos de existência. Obstáculos enormes foram vencidos por João Batista Monteiro e a revista sobreviver, para alegria e orgulho dos que nela trabalham e largo benefício da divulgação das atividades científicas da Casa Maternal.

Agradecemos, profundamente, ao Prof. Dr. Nylceo Marques de Castro. Identificado com o lema "ASSISTÊNCIA - ENSINO - PESQUISA CIENTÍFICA", criou, em sua Cátedra de Histologia da Escola Paulista de Medicina, a Seção de Placenta, uma contribuição magnífica oferecida ... nossa Cátedra de Obstetrícia.

Ao Dr. Nylceo manifestamo-nos sensibilizados pela bondosa apresentação do II volume de nosso livro.

Nosso reconhecimento, tamb,m ... Nestl,, que nos recebe em sua casa, esta noite, prestigiando-nos e aos nossos colaboradores.

Aos m,dicos premiados, finalmente, desejamos patentar nossa admira#Eo, hipotecar nossa solidariedade por seu trabalho e augurar-lhes sucesso sempre em sua carreira cient;fica. Que n#Eo esmore#am, para satisfa#Eo e orgulho de todos n#s e gl#ria da Medicina em nossa terra!

üüü€ a x @ ü½ u » üÈ r ô üó o f ü" l û üç i 4 ü5
b -# ü5# üüüü

5#_ÿ&_ÿÿ_'_x_'_ÿÿ'_u~*_ÿÿ^*_r_‰*_ÿÿ<*_o_€*_ÿÿ''*_
l#?_ÿÿ~?_i_ò?_ÿÿö?_f_Sf_ÿÿ,f_c_____f_òf_ÿÿ_g_
_x_k_ÿÿ_k_u_€_ÿÿ□_r_ø□_ÿÿâ□_o_Å¼_ÿÿÖ¼_l_@Í_ÿÿ^Í_e_³Í_ÿÿ^Í_^_wÍ_ÿÿ
ÿ.f_____

Wî_Xî_t_Ý_ÿÿ\$Ý_q_ç_ÿÿ%ç_n_2è_ÿÿ3è_l_Nö_ÿÿ_ö_i_,_ÿÿ
"___f_e

__c_s__ÿÿ. __`_Ñ"__ÿÿ_____

_Ñ"__â"__x_õ=__ÿÿ_>__u_;I__ÿÿ²I__r_'T__ÿÿçT__o_±f__ÿÿÂf__l_xg__ÿÿyg__e_ýr__ÿÿ'

__c_s__ÿÿ. __`_Ñ"__ÿÿ_____

€ _ _ n _ @ _ _ n _ ç _ _ n _ Á _ _ n _ ã _ _ n _ å _ _ n _ ñ _ _ n _
_ _ n _ < _ _ n _

<_ - _____ à _____
< _____ [_____ n_t _____ n_v _____ n_© _____ n_¹ _____ n_» _____ n_Ê _____ n_î _____ n_ø _____ n _____

<_ - _____ à _____ ø _____, _____ n. _____ n_a _____ n_y _____ n_ _____ n_õ _____ n_ _____
_____ n_ ^ _____ n _____ n _____

<_ - à
n_ ~ n_ š n_ x n_ ù n_ û n_ é n_ ě n

<_ - à
ě 9 n; n = n_3 n_5 n ` n_a ýš a

<_ _ _ _ _ à _ Š _ € _ n _ ý _ n _ ý _ n _ c _ _ n _ e _ _ n _

_ n _

_ n _

_ n _

_ n _

_____ à _

n_†_n_‰_n_x_n_z_n_Ú_n
à

<_ - _____ à_ _____
 ú_ ü_ n_ ÷_ n_ ù_ n_ š_ n_ œ_ n_ n_ n_ ^_ n_ ˘_ n_ _____
_____ à_ _____

<_ - _____ à_ _____
_]_ n _____ n_í_ n_ř_ n_ž_ n_ □_ n _____ n_ ' _____ n _____
_____ à_ _____

<_ - _____ à _____
' _____ " _____ n_¾ _____ n_À _____ n_„ _____ n_† _____ n_ç _____ n_é _____ n_^ _____ n_Š _____ n_ _____
_____ à _____

<_ - _____ à_ _____
š _____) _____ n_ + _____ n_] _____ n _____ n_ Đ _____ n_ Ò _____ n_ a _____ n_ c _____ n_ ^ _____ n _____
_____ à_ _____

< _____ à _____
_____ n _____ a _____ n _____ n _____ J _____ n _____ L _____ n _____ Ü _____ n _____ ß _____ n _____ n _____ n _____
_____ n _____ à _____

<_à_™_} _n_□
n!_n_!_n_"_n_"_n_k"_n_m"_n_*#_n
à_

<_ _ _ _ _ à _
' _ n _

*# _ , # _ n _ \$ _ n _ \$ _ n _ Â\$ _ n _ Ä\$ _ n _ 0& _ n _ 2& _ n _

'_n_____à_

'_n_«'_n_-'_n_)_n_
)_n_@)_n_°)_n_y*_n_{*_n_

_____à_____

<_à_ (*_)*_n+_n+_n_ò+_n_ô+_n_-_n_!-_n_ª-_n_--
_n_à_

<-_____à
/___n___n_Û/___n_Û/___n_^0___n`0___n_K1___n
_____à

<_ - _____ à _____
K1 M1 n_+2 n_³2 n_G3 n_I3 n_ú3 n_ü3 n_H4 n_J4 n _____
_____ à _____

<_à
J4_ç4_n_ø4_n_5_n_A5_n_C5_n_~5_n_š5_n_ô5_n_ý5_n
à_

<_ _ _ _ _ à_ Ý5_ ¥6_ n_ \$6_ n_ ÿ6_ n_ 7_ n_
8_ n_ 8_ n_ □8_ n_ □8_ n_ 29_ n_ _____
_ _ à_

<_-----à_
29_49_n_Å9_n_Ç9_n_P:_n_R:_n_É:_n_Ë:_n_'_n'';_n_-----
à_

<-_____à_____ " ; _____; <_n=<_n=_n=_n_,=_n_°=_n_U>_n_X>_n_?
?_n_____à_____

?_n_'?_n_@?_n_B?_n_D?_n_F?_n_H?_n_J?_n_L?_n_____à_

<_ - _____ à _____
L? _N? _n_P? _n_R? _n_T? _n_V? _n_X? _n_Z? _n_\? _n^? _n _____
_____ à _____

<_-----à_
^?_a?_n_d?_n_š?_n_œ?_n_î?_n_Đ?_n_ô?_n_ö?_n_À@_n_____
à_

<_ - _____ à _____
A@_C@_n_E@_n_A_n_A_n_cA_n_eA_n_-B_n_@B_n_,C_n _____
_____ à _____

<_ - _____ à _____
 , C _____ n_ÈC_ n_ÊC_ n_)D_ n_+D_ n_OE_ n_QE_ n_ëE_ n_íE_ n_ _____
 _____ à _____

<_à_íE_rF_n_tF_n_ÜF_n_ƆF_n_0G_n_2G_n_ƣG_n_|G_n_#H_n_____à_

<_ - _____ à_
 #H_%H_n_'H_n"H_n_9I_n_;I_n_□I_n_□I_n_üJ_n_þJ_n _____
 _____ à_

<_ - _____ à_
 pJ_ L_ n_ L_ n_ ÔL_ n_ ÖL_ n_ ÉM_ n_ ĚM_ n_ CN_ n_ EN_ n_ ĀN_ n_ _____
 _____ à_

<_ - _____ à _____
ÂN_ ÆN_ n_20_ n_40_ n_Ó0_ n_Õ0_ n_\$P_ n_&P_ n_□P_ n_□P_ n_ _____
à_

<_ _ _ _ _ à_
R_ _ _ _ _

□P_ _ _ P_ _ _ n_ | P_ _ _ n_ úP_ _ _ n_ üP_ _ _ n_ vQ_ _ _ n_ xQ_ _ _ n_

R_n CR_n

à

<_ _ _ _ _ à_ CR_ER_n^S_n`S_n_ÜS_n_ßS_n_•T_n_-
T_n_PU_n_RU_n _____ à_

<_ - _____ à_
 RU__?V__n_AV__n_çV__n_éV__n_#W__n_%W__n_%W__n_<W__n_XX__n_____
 _____ à_

<_ - _____ à _____
XX ZX n_ïX n_ÑX n_pY n_rY n_äY n_æY n_%Z n_<Z n_____

à_

<_ - _____ à_

<Z_ îZ_ n_ ðZ_ n_ » [_n_ ½ [_n_ W \ _n_ Y \ _n_ · \ _n_ ^1 \ _n_ 6] _n_ _____
_____ à_

<_à_ 6]_8]_n_-
]_n_™]_n_^_n_^_n_b^_n_d^_n_ù^_n_û^_n_

à_

<_ - à
û^_Û_n_Ô_n_f`_n_h`_n_i`_n_î`_n_la_n_na_n_Õa_n
à_

<_ - _____ à_
0a__x a__n_ < b__n_ □ b__k_ - c__^ @ c__^_ ; d__^_ = d__^_ _____

<_-----à<_

<_ _ _ _ _ à _=d_,d_n_,d_n_e_n_e_n ðe_n_àe_n_f_k_ _ _ _ _ _
_ _ _ _ _

<_-----à<_

<_-----à_f__f__n_9f__k_;f__^_If__[_Kf__N_,f__N_____

<_-----à<_

<_-----à<_

<_-----à_,f_,,f_n_°f_n_¼f_n_îf_n_ðf_n_g_n_g_n_g_n_wg_n-----
-----<_

<_à_ wg_yg_n Åg_n Çg_n Öh_n Øh_n_
i_n_™i_n_âi_n_çi_n_____<_

<_ - _____ à _____ ç i _____ « j _____ n _____ @ j _____ n _____ k _____ n _____ k _____ n _____ ~ k _____ n _____ š k _____ n _____ l _____ n _____
l _____ n _____ ½ l _____ n _____ _____ <_

<_ - _____ à _____
½l_ ;l_ n_ òl_ n_ ÷l_ n_ wm_ n_ ym_ n_ @m_ n_ °m_ n_ ÷m_ n_ ùm_ n_ _____
_____ <_

<_ - _____ à _____
; o _ f o _ n _ p _ n _ p _ n _ ã p _ n _ å p _ n _ ? q _ n _ A q _ n _ Ô q _ n _ Ô q _ n _____
_____ <_

<_ - _____ à _____ Ôq _____ r _____ n _____ r _____ n _____ Êr _____ n _____ Ìr _____ n _____ s _____ n _____
s _____ n _____ \ s _____ n _____ ^ s _____ n _____ ù s _____ n _____
____ <_ _____

<_ - _____ à _____
ùs_ ûs_ n_ ht_ n_ jt_ n_ u_ n_ u_ n_ ßu_ n_ áu_ n_ w_ n_ w_ n_ _____
_____ <_

<_ - _____ à _____
w çw_ n_ þw_ n_ x_ n_ x_ n_ äx_ n_ æx_ n_ fy_ n_ ...y_ n_ z_ n_ _____
_____ <_

<_ - _____ à _____ z _____ n _____ å _____ z _____ n _____ ç _____ z _____ n _____ l { _____ n _____ n { _____ n _____ -
| _____ n _____ ! | _____ n _____ ... | _____ n _____ # | _____ n _____ _____ <_

<_ - _____ à _____
| _ ^ } _ n _ Š } _ n _ [~ _ n _] ~ _ n _ □ _ n _ □ _ n _ [□ _ n _] □ _ n _ ° □ _ n _
_____ <_

<_ - _____ à _____ °□_ ²□_ n_ €_ n_ €_ n_ <€_ n_ >€_ n_ ...€_ n_ †€_ n_ □_ n_ □_ n_ _____ <_

<_-----à_
□_]□_ n □_ n_É□_ n_Ë□_ n_□, _n_□, _n_Ý, _n_ß, _n_sf_n_____
_____<_</p></div>

<_ - _____ à _____
sf uf n „ n „ n □ „ n ' „ n Ũ „ n Ý „ n Û... n Ũ... n _____
_____ <_

<_ - _____ à _____
 Ů..._u†_n_w†_n_í†_n_ï†_n_c†_n_e†_n_â†_n_ä†_n_T^_n_____

_____<_

<_ - _____ à _____
T^ _V^ _n_Ů^ _n_Ý^ _n_ì% _n_î% _n_øš _n_úš _n_‡< _n_%< _n_ _____
_____ <_

<_ - _____ à _____
%< _œ< _n_ž< _n_č_€_n_Á_€_n_□□_n_‘□_n_∅□_n_Ú□_n_1□_n_____

_____<_

<_ - _____ à _____
1□_3□_n_T□_n_V□_ÿÿX□_ÿÿZ□_ÿÿ\□_ÿÿ^□_ÿÿ`□_ÿÿb□_ÿÿ_____

<_

<_ - _____ à _____
b □ d □ ÿ ÿ g □ n _ i □ n _ Ÿ □ n _ j □ n _ Ó □ n _ Õ □ n _ x □ n _ å □ n _____
_____ <_

<_ _ _ _ _ à_ _ _ _ _ ä□ _ _ ç□ _ _ n_ ê□ _ _ x' _ _ z' _ _ n_ " _ _ n_
" _ _ n_ F" _ _ n_ H" _ _ n_ 5" _ _ n_ _____<_

<_à_ 5"7"nî"nî"nt•nv•n -n
-n_õ-n_x-n_____<

<_ - _____ à_ x_-
n~_ n_p~_ n_V™_ n_X™_ n_Æ™_ n_È™_ n_š_ n_š_ n_÷š_ n_ _____
_____ <_

<_à_>_n_b>_n_d>_n_¶>_n_,>_n_œ_n_œ_n_Ûœ_n_Ûœ_n_<_>

<_ - _____ à_ Üæ_ "□_ n_ \$□_ n_ Ň□_ n_ Ó□_ n_ Mž_ n_ Ož_ n_ Ÿ_ n_
Ÿ_ n_ hŸ_ n_ _____ <_

<_ - _____ à_
n

hÿ__jÿ__n_

$$\frac{n_i n_j n_k}{n} \approx n_i n_j n_k \frac{0}{n} \approx n_i n_j n_k \frac{0}{n} \approx n_i n_j n_k \frac{2}{n}$$

<_ - _____ à _____
2ç_nç_n_pç_n_Óç_n_Õç_n_Zç_n_\ç_n_□ç_n_□ç_n_Õç_n_____

_____ <_

<_ - _____ à _____
Ō£_×£_n_D¤_n_F¤_n_ã¤_n_ç¤_n_¥_n_0¥_n_œ¥_n_ž¥_n_____

_____<_

<_à_ž_ř_ň_ò_ñ__ñ_^_ñ_ç_ñ_é_ñ_s\$_ñ_u\$_ñ_%”_ñ_____<_

<_ - _____ à _____
% " ' " n © n © n □ © n □ © n \$^a n &^a n O« n Q« n _____
_____ <_

<_à
Q« □_n'_n_n_p_n_r_n_L@_n_N@_n_U_n
_____<

<_ - _____ à _____
U_ W_ n_G° n_I° n_†± n_^± n_í± n_ï± n_T² n_V² n _____
_____ <_

$$\frac{\langle - \frac{\dot{a}}{V^2 Q^3} n S^3 n \mu n \mu n \rangle \mu n \square \mu n \dot{\Lambda} \mu n \hat{\Lambda} \mu n z \mathbb{I} n}{\langle -}$$

<_-----à_
z_|_|n_ø_|n_ú_|n_%.n_<_n_8, n_:, n_I, n_K, n_
-----<_</p></div>

<_ - _____ à _____
K, _____ n, _____ n' ° _____ n' ° _____ n' » _____ n) » _____ n_b » _____ n_d » _____ n_¼ _____ n _____
_____ <_

<_ - _____ à _____
¼ _____ n_q¼ _____ n_s¼ _____ n_œ¼ _____ n_ž¼ _____ n_ê¼ _____ n_î¼ _____ n_â¼ _____ n_ç¼ _____ n _____
_____ <_

<_ - _____ à _____
ç¼ M½ n_O½ n_é½ n_ë½ n_:¾ n_<¾ n_z¾ n_|¾ n_~¾ n_____

<_

< - _____ à _____
~¾ š¾ ýýæ¾ ýýž¾ ýý¾¾ ýýç¾ ýýø¾ n_ú¾ n_¿_n_¿_n_____

< -

$$\begin{array}{c}
 \frac{\langle - \dots \bar{a} \dots \rangle}{\langle \dots \bar{A} \dots \bar{A} \dots \rangle} \quad \frac{\langle \dots \bar{z} \dots \bar{z} \dots \rangle}{\langle \dots \bar{E} \dots \bar{G} \dots \bar{A} \dots \bar{A} \dots \rangle} \\
 \frac{\langle \dots \bar{z} \dots \bar{z} \dots \rangle}{\langle \dots \bar{z} \dots \bar{z} \dots \rangle}
 \end{array}$$

$\frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 \\ 0 \\ 1 \end{pmatrix}, \frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 \\ 0 \\ -1 \end{pmatrix}, \frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 0 \\ 1 \\ 0 \end{pmatrix}$ are orthonormal vectors in \mathbb{R}^3 .
The matrix $A = \frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 \\ 1 & -1 & 0 \end{pmatrix}$ is orthogonal. $A^{-1} = A^T = \frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 \\ 1 & -1 & 0 \end{pmatrix}$.
The matrix $B = \frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 \\ 1 & -1 & 0 \end{pmatrix}$ is orthogonal. $B^{-1} = B^T = \frac{1}{\sqrt{2}} \begin{pmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 \\ 1 & -1 & 0 \end{pmatrix}$.

< - $\frac{à}{HÈ JÈ n ÈÉ n ÈÉ n È n È n \{ í n \} í n \frac{1}{4} \hat{i} n \frac{3}{4} \hat{i} n}$ <

<_ - _____ à _____
¾î _____ 'ò _____ "ò _____ !ò _____ "ò _____ SÓ _____ n_UÓ _____ n_ûÓ _____ n_ýÓ _____ n_°Ô _____
_____ <_

< - $\frac{\grave{a}}{\circ\hat{o}\frac{1}{4}\hat{o}}$ n_9\hat{o}_n_; \hat{o}_n_\mathbb{1}\hat{o}_n_, \hat{o}_n_\tilde{\hat{o}}_n_\hat{\hat{o}}_n_^\text{a}\hat{o}_n_-\hat{o}_n_

< -

<_ - _____ à _____
-Ö_x_n_x_n_®x_n_°x_n_EØ_n_GØ_n_yØ_n_{Ø_n_iØ_n_____

_____ <_

<_ - _____ à _____
íø_ íø_ n_ „ ù_ n_ †ù_ n_ ù_ n_ çù_ n_ ðú_ n_ ÷ú_ n_ çù_ n_ _____
_____ <_

<_ - _____ à_ çû_ ʘû_ x_ ü_ k_ ü_ h_ ?ü_ [_BÜ_ X_ SÜ_ K_ _____

<_-----à<_

<_-----à<_

<_ _ _ _ _ à <_ SÛ_ UÛ_ x_ `Û_ k_ bÛ_ h_ wÛ_ [_ yÛ_ X_ -
Û_ K_

<_-----à<_

<_-----à<_

< - à < -
ü ~ ü x ø ü k ú ü k ê ü k i ü ý ý í ü ý ý í ü ý ý
à <

<_-----à<_

<_à<_iü_ñü_n_&ý_n_(ý_n_zý_n_\ý_n^ý_n_oý_n_qý_n_ßý_n_<

<_ - _____ à _____
ßÝ áÝ n_HĐ n_JĐ n_~Đ n_€Đ n_§ß n_&ß n_°ß n_¼ß n_____

_____ <_

<_ - _____ à _____
¼ß dà n_fà n_Já n_Lá n_Áá n_Ãá n_â n_â n_ßä n_____

_____ <_

<_ - à
ß ä ä n G ä n I ä n ì ä n î ä n *æ n , æ n »æ n ½æ n
_____ <_

<_ - _____ à _____
½æ Öæ ÿÿØæ ÿÿÚæ ÿÿÛæ ÿÿÐæ ÿÿàæ ÿÿâæ ÿÿäæ ÿÿææ ÿÿèæ ÿÿ _____
_____ à _____
èæ êæ ÿÿìæ ÿÿíæ ÿÿîæ ÿÿñæ ÿÿóæ n (ç n *ç n \ç n _____

<_ - _____ à _____
 \ç_ ^ç_ n_ `ç_ n_ qç_ n_ sç_ n_ Úç_ n_ Üç_ n_ Oê_ ` _____
 _____ <_ - _____ à_ ð _____

<_ _ _ _ _ à _Oê_ Qê_ n_ ¢ê_ n_ >ê_ n_ âê_ n_ çê_ n_ Sì_ n_ Uì_ n_ ¼ì_ n_ Àì_ n_ _ _ _ _ _
_ _ _ _ _ ð

<_ _ _ _ _ à_ Ài_ _ _ _ _ |i_ _ _ _ _ ~i_ _ _ _ _)i_ _ _ _ _ +i_ _ _ _ _ ð_ _ _ _ -
ð_ _ _ _ ñ_ _ _ _

< - _____ à _____
_____ ñ _____ ñ _____ n_vò _____ n_xò _____ n_ûó _____ n_ýó _____ n_ôô _____ n_öô _____ n_ö _____ n_ö _____ ýý _____
_____ ð _____

<_-----à_
¶ö_,ö_n_g÷_n_i÷_n_lø_n_nø_n_ù_n_ù_n_»ù_n_¼ù_n_____

<_-----à_ ½ù__, ú_n.ú_n¥ú_n\$ú_n'û_n"û_nbü_ndü_n_

<_ - _____ à_ _____
"____.____n_0____n_U____n_W____ÿÿY____ÿÿ[____ÿÿ^____ÿÿ`____a_____

<_ - à ` • n -
n É n È n Ü n ð n Ò n × n @ n
à

<_ - _____ à _____
@_ B_ n_ >_ n_ @_ n_ 0_ n_ 2_ n_ n_ k _____
_____ <_

<_ - _____ à _____ š _____ n_œ _____ n_J _____ n_L _____ k_i _____ ^_£ _____ [_____
_____ <_

<_-----à<_

<_-----à<_

<_-----à<_

<_-----à_E

__j

__n_l

__n_l

__n__

__n_d__n_f__n_@__n_°__n__

__n_W

—a_Ñ

<_-----à_Ñ

n n n_x n_z n n _____
à

<_ - _____ à_ _____
_____ n_ „ _____ n_ t_ _____ n_ _____ n_ _____ n_ q_ _____ n_ s_ _____ n_ ü_ _____ n_ p_ _____ n_ _____
_____ _____ à_ _____

<_ - _____ à_ _____
p_ €_ n_ ž_ n_ à_ n_ â_ n_ 7_ n_ 9_ n_ □_ n_ f_ n_ n_ _____
_____ à_ _____

<_ - _____ à_ _____
_____ n_G n_I n_ı n_Á n_Ö n_Ø n_f n_h ÿÿ _____
_____ à_ _____

<_ - _____ à_ _____
h_ j_ ÿl_ ÿn_ ÿp_ ÿr_ ÿt_ ÿv_ ÿx_ ÿz_ ÿ|_ ÿ _____
|_ ~_ ÿ€_ ÿf_ ÿ..._ n_ °_ n_ ¼_ n_ î_ n_ ð_ n_ ò_ n_ _____

<_ - _____ à_ _____
ò _____ n _____ n_□ _____ n_□ _____ n_Q _____ n_S _____ n_ê _____ n_ì _____ n_> - _____ n _____

<-_____à_____>-□-_____n_ñ_____n_ó
_____n_!_____n_!_____n_°!_____n_²!_____n_] "_____n_ " _____n

<_à_ "z"n|"n_
"n_~"ŷš"ŷœ"ŷž"ŷŷ "ŷŷç"ŷŷ

<_ - _____ à _____
ç " _ n " _ ÿ ÿ ! " _ ÿ ÿ " " _ ÿ ÿ a " _ ÿ ÿ ¬ " _ ÿ ÿ ^ " _ n _ ä " _ n _ æ " _ n _ # _ n _____

<_ _ _ _ _ à_ _ #_ _ #_ n_ #_ n_ -#_ n_ /#_ n_ -
\$ _ n_ / \$ _ n_ Ð \$ _ n_ Ò \$ _ n_ % _ n_

<_ - _____ à _____
% ç % n & n & n % & n < & n □ ' n ' ' n ù ' n û ' n _____

<_-----à_ û'__^(__n`(__n_c)__n_e)__n_°+__n_¼+__n_·,__n_¹,__n_\$.
____n_____

<_ _ _ _ _ à _ _ _ _ _ \$ _ _ _ & _ _ _ n _ _ _ Ö _ _ _ n _ _ _ Ø _ _ _
_ _ _ n _ _ _ } / _ _ _ n _ _ _ □ / _ _ _ n _ _ _ > 0 _ _ _ n _ _ _ @ 0 _ _ _ n _ _ _ □ 0 _ _ _ n _ _ _ □ 0 _ _ _ n _ _ _

<_ - _____ à _____
□0 °1_n_²1_n_~2_n_€2_n_13_n_n3_n_5_n_5_n_~5_n_____

<_ - _____ à _____
-5__±5__n_x6__n_z6__n_x6__n_Ù6__n_@8__n_B8__n_S9__n_U9__n_____

<_à_ U9_¥:_n_S:_n_D;_n_F;_n_•<_n_-
<_n_ÿ<_n_=n_]=n_

< - _____ à _____
½ = _____ ç = _____ ÿÿÁ = _____ ÿÿÃ = _____ ÿÿÆ = _____ ÿÿÈ = _____ ÿÿÊ = _____ ÿÿÌ = _____ ÿÿÎ = _____ ÿÿÑ = _____ ÿÿ _____

<_à_ Ñ=Ó=_n_>_n_
>_n_<>_n_d>_n_f>_n_h>_n_y>_n_{>_n_

<_ - _____ à _____
{>_*@_n_,@_n_Y@_n_[@_n_>A_n_@A_n_°A_n_²A_n_äB_n_____

<_ - _____ à _____
äB_ æB_ n_™D_ n_>D_ n_IE_ n_KE_ n_<F_ n_□F_ n_ÃG_ n_ÄG_ n_____

<_ - _____ à _____
ÅG_ ^H_n_-H_n_=I_n?I_n_fI_n_hI_n_}I_n_□I_ÿÿ□I_ÿÿ_____

<_-----à
□I_„I_ÿÿ†I_n^I_n´I_n℘I_n,I_n°I_n_ËI_n_íI_n_____

<_-----à_
K_n_

ÍI_3J_n_5J_n_

K_n_âK_n_äK_n_vL_n_xL_n_çL_n

<_-----à
çL_éL_n_åM_n_çM_n_†P_n_^P_n_rR_n_tR_n_S_n_S_n_____

<_-----à
S "S_n^a S_n T_n T_n HT_n JT_n iT_n kT_n mT_n _____

<_à
mT_oT_n_qT_n_sT_n_uT_n_xT_n_#T_n_|T_n_ÛT_n_ÔT_n_____

<_ _ _ _ _ à_ _ _ _ _ ŨT_ _ _ ŸT_ _ _ n_ WV_ _ _ n_ YV_ _ _ n_ -
X_ _ n_ ™X_ _ _ n_ Z_ _ _ n_ Z_ _ _ n_ _ _ _ n_ _ _ _ n_

<_ - _____ à _____
_ \ _____ ^ _____ n _____ ^ _____ n_U _____ n_W _____ n_° _____ n_2 _____ n_J` _____ n_L` _____ n_ \$a _____ n _____

<_à_
_&a_n_Ãa_n_Åa_n_b_n_b_n_eb_n_gb_n_çb_n_éb_n_

<_à_
éb_Mc_n_Oc_n_šd_n_æd_n_8e_n_:e_n_xe_n_ze_n_f_n_____

<_ _ _ _ _ à_ _ _ _ _ □f_ _ 'f_ _ ÿÿ" f_ _ ÿÿ-
f_ _ ÿÿ~ f_ _ n_ _ Äf_ _ n_ _ Æf_ _ n_ _ çf_ _ n_ _ #g_ _ n_ _ ~g_ _ n_ _

<_-----à_~g_€g_n_,g_n"g_n_#g_n!g_n_Sh_n_Uh_n_#i_n_|i_n_____

<_-----à
|i__ĩj__n_Ñj__n_Qk__n_Sk__n_¾k__n_Àk__n_tl__n_vl__n_&m__n_____

<_ - _____ à _____
&m (m n ãm n Åm n Öo n Øo n q n q n jq n lq n _____

<_ - à
lq êq n iq n ür n ýr ýýbr ýý

<_ - _____ à _f_ , _@_ / ÿÿŠ_î4_ Æ! _Å_ =_Å_ _Å_ ú (rõ

f, @ò/ ' _Š_î4 _Æ!A_Ă_==Ă_Ă_ú (rõ

— ÿÿ — $\frac{c}{a_0}$ — ÿÿ —

